A LIAHONA

Julho de 1966

A LIAHONA

Editor:
Hélio da Rocha Camargo

Redatôra:
Laís N. Manzotti

Fotógrafos:
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

Tradutores:
Francisco Máximo C. da Silva
José Vieira Neto
Merly Pikel
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Centro Editorial Brasileiro: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — São Paulo, SP.
Missão Brasileira: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, SP. — fone 80-4638.
Missão Brasileira do Sul: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelo editor.

*

PREÇOS:

Exterior: Ano	US$	4.00
Brasil: Ano	Cr$	3.000
Exemplar:	Cr$	300

JULHO DE 1966 — VOL. XX — N.º 7

Nossa capa: "A branca tôrre do aeroporto projetando-se para o céu entre palmeiras tropicais que identificam a paisagem brasileira de Salvador, na Bahia, é um convite para o vôo." Foto do Pres. Wayne M. Beck

O sul de Sião 6

"Onde fica Sião?" é a pergunta que muitos fazem. "Ficaria ela ao norte? Ao sul?"

Saba 26

A tocante história de uma família judia e sua crescente convicção a respeito da veracidade do evangelho restaurado.

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Sacerdócio de Melquisedeque 8
Jóias do Pensamento 11
Sacerdócio Aarônico 12
Juventude da Promessa 13
Meu Cantinho 16
Ciência e Religião 18
Notícias 23
Página Feminina 24
Escola Dominical 34
Programa Noite Familiar 35

Mensagem de Inspiração

Presidente David O. McKay

Os Pioneiros Mórmons

Quando Joseph Smith recebeu sua primeira revelação, na primavera de 1820, era apenas um jovem inculto e inexperiente. Dez anos mais tarde êle organizou a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não tinha ainda completado trinta e nove anos de idade quando foi martirizado.

A harmonia dos seus ensinamentos, com aquêles ministrados pelo Salvador e pelos seus Apóstolos; a racionalidade de sua assertiva, de que um homem deve ser chamado por Deus para oficiar nas coisas referentes a Deus; a organização completa da Igreja; seu govêrno, suas leis e sua maravilhosa adaptação às necessidades e ao progresso da família humana — estas e muitas outras fases da sua grande obra dos últimos dias, mesmo quando apenas parcialmente compreendidas, levam as pessoas a ponderar sôbre a fonte da sabedoria do Profeta.

Se as pessoas de hoje perguntassem, tal como o fizeram os homens no tempo do Salvador: "Donde lhe vêm esta sabedoria e podêres miraculosos?" (Mt 13:54) declararíamos sem hesitar: "Joseph Smith as recebeu do alto".

Seguindo-se ao martírio, o Profeta Joseph Smith foi sucedido por Brigham Young, que freqüentemente tem sido chamado de o "Moisés moderno". Sua tarefa imediata foi a de conduzir os santos ao seu nôvo lar.

As escrituras nos dizem que sem fé é impossível agradar a Deus (Veja Hb 11:6), que através da fé os profetas e os homens da antigüidade "subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam bôcas de leões,

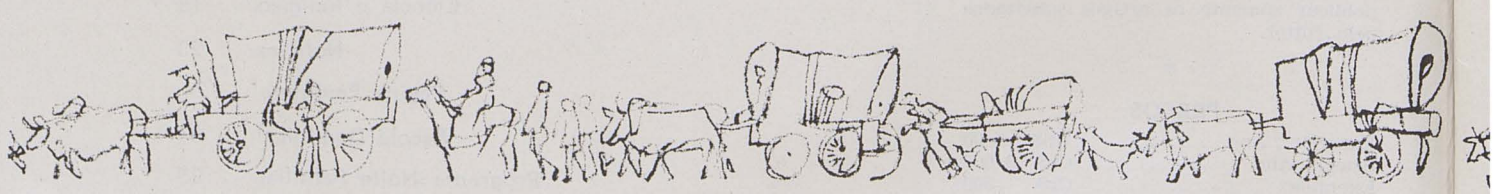
"Extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram fôrça..." (Versículos 33-34)

Foi pela fé que Colombo arrostou o oceano velejando rumo a um horizonte desconhecido, até que descobriu uma nova terra. Foi a fé que trouxe à América o "Mayflower", "carregado com os destinos de um continente". Foi a fé que impeliu o Presidente Brigham Young e os pioneiros de Utah a estabelecerem residência permanente num deserto ocidental desafiador e agreste.

A fé é mais poderosa no empreendimento humano que o julgamento e a experiência.

À medida que os pioneiros se aproximavam do seu destino, tendo atrás de si uma trilha na pradaria de quase dois mil quilômetros, passaram a cavalgar através da vegetação rasteira de uma trilha de montanha; empurravam matacões soltos, que rolavam para o fundo das ravinas lá embaixo com estardalhaço. Arrastando-se extenuada e vagarosamente ravina acima movia-se a caravana de carroções cobertos.

O avanço da companhia dos pioneiros de Utah estava se aproximando do pico de Big Mountain, do qual obteriam o seu primeiro vislumbre da grande Bacia do Lago Salgado. Na orla ocidental desta bacia jazia o "Mar Morto da América", tremeluzindo à luz solar mais como um



presságio ameaçador do que como uma promessa de prosperidade.

Se êste árido, aparentemente improdutivo vale pudesse ser transformado num vale fértil, tornar-se-ia o centro de um império ocidental, e isto certamente seria um dos mais admiráveis exemplos na história da fé triunfante sôbre o julgamento e a experiência humana.

Dos grandes pioneiros da história, a Brigham Young é dado um lugar entre os mais destacados. Sôbre êle repousava a responsabilidade de suprir alimentação e abrigo para as 148 pessoas que compunham a primeira companhia a buscar um lar numa terra desértica, e a estação de plantio estava já tão adiantada que havia pouca ou nenhuma esperança de que a safra plantada amadurecesse. Além destas 148 pessoas, milhares de outras haviam deixado seus lares em Nauvoo após o martírio do seu Profeta, e seguiam o seu líder ao esperançoso lugar de refúgio e de paz. Aproximadamente duas mil pessoas estavam em Mount Pisgah, condado de Union, Iowa, 232 quilômetros da margem oeste do rio Mississipi.

Havia uma outra colônia em Garden Grove, condado de Decatur, Iowa, 202 milhas a leste de Council Bluffs.

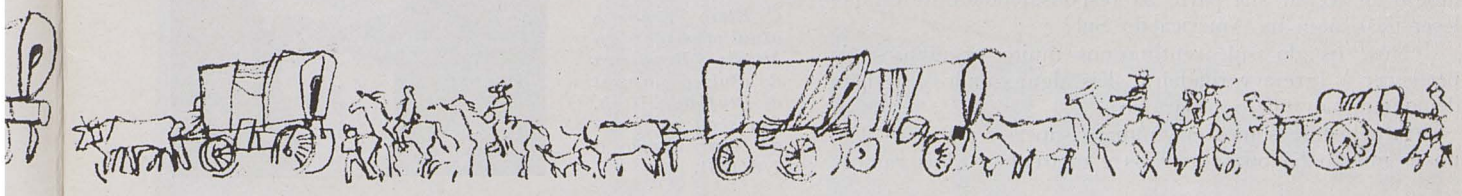
Seis mil outras estavam em Winter Quarters, às margens do rio Missouri, a dez quilômetros de Omaha.

Dez mil pessoas já se achavam em marcha em direção à Grande Bacia, a qual dificilmente assegurava que mesmo uma pequena colônia pudesse obter subsistência! Ao todo havia 40.000 mórmons entre as Ilhas Britânicas e Emigration Canyon, Utah que, com confiança num grande líder, dirigiam-se a um refúgio desconhecido que estava ainda para ser designado.

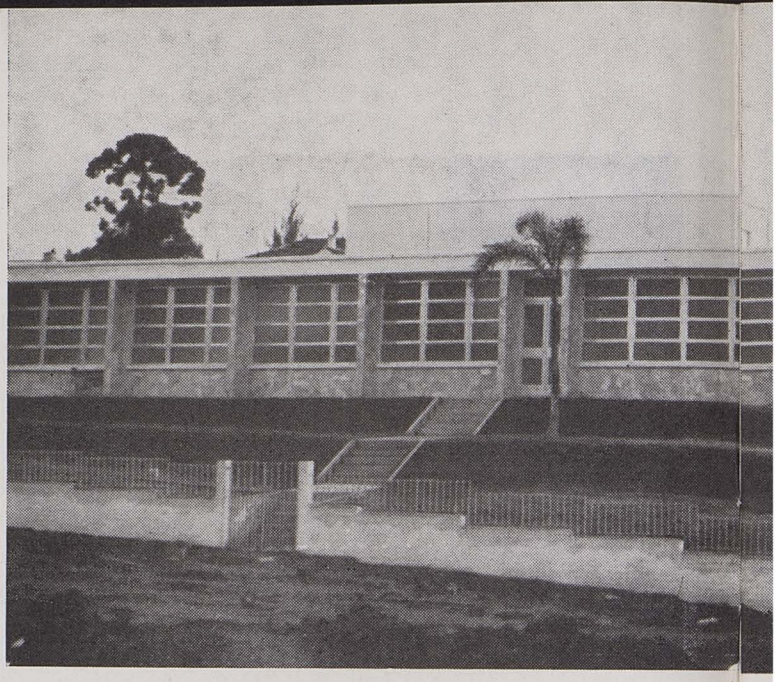
Maior que o julgamento humano, elevando-se acima da experiência humana, estava a confiança do grande líder em Deus. Referindo-se a esta fé que o havia guiado, êle disse: "Ao contemplar uma porção do Vale do Lago Salgado, o Espírito de Luz descansou sôbre mim e moveu-se sôbre o vale, e eu senti que lá os santos encontrariam proteção e segurança."

A resoluta fé daquele intrépido grupo na divina providência — aquêle poder invisível que "faz das discórdias do presente as harmonias do futuro" — continua a viver imperecìvelmente. Sua imorredora coragem e heroismo têm sido e continuarão a ser uma luz orientadora e encorajadora para todos aquêles que lerem sua simples, porém incomparável história.

Centenas de florescentes comunidades do oeste americano dão prova da superioridade do Presidente Brigham Young como colonizador. A consciência do valor da dignidade humana mantida através do esfôrço próprio, o poder de inspirar prestimosidade mútua, a índole predisposta à preparação, o amor pela liberdade e a reverência a Deus contribuiram para a sua grandeza como líder de homens. Estas qualidades eram, também, parte essencial daqueles pioneiros.

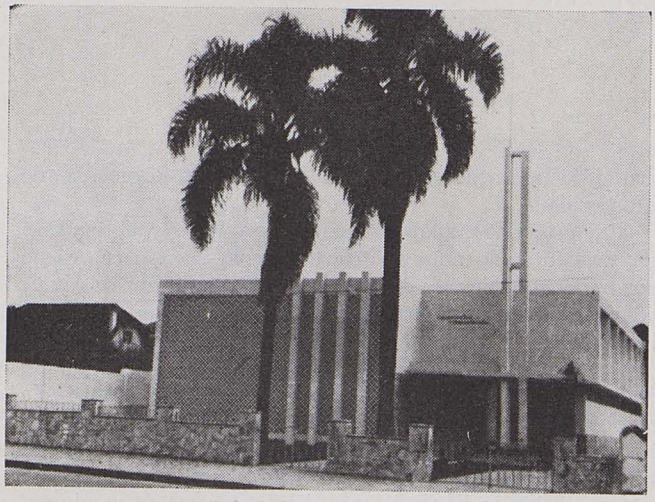


Ao lado, Centro Distrital de Curitiba (Ramos II e V), recentemente criado. No meio, à esquerda, Capela de Curitiba I; à direita, Capela de Pelotas; em baixo, à direita, Capela de Pôrto Alegre I.



O SUL DE SIÃO

Presidente C. Elmo Turner



Aonde fica Sião? Você mora em Sião? Sião situa-se sòmente na América do Norte ou abrange o mundo inteiro?

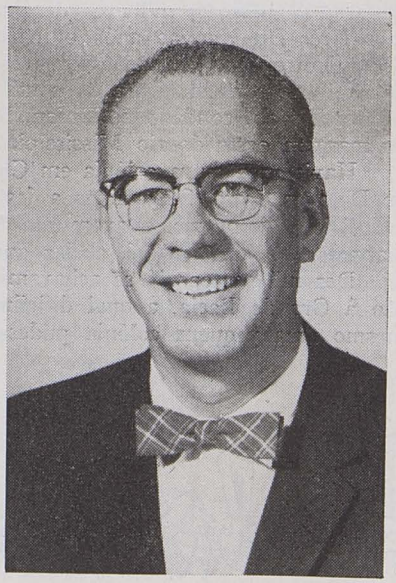
Como ponto geográfico, Sião inclui todo o continente americano. Os missionários saem de uma parte de Sião para chegarem até aqui, que é outra parte de Sião. Você mora em Sião. Logo, mora na terra prometida! (II Nefi 10:10-14,19).

O evangelho foi restaurado na América do Norte e a Igreja desenvolveu-se lá. Mas agora chegou o dia da América do Sul!

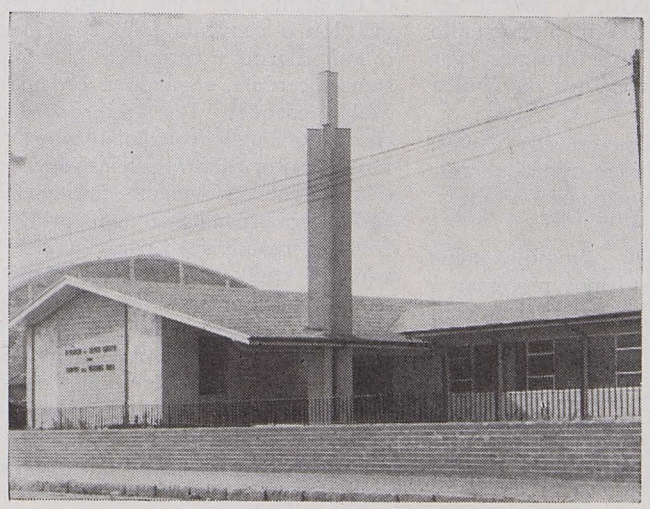
Havia pioneiros lá na América do Norte; hoje somos os pioneiros aqui. Se fizermos bem a nossa parte, a Igreja daqui vai ser tão forte quanto a de lá: haverá templos, seminários, hospitais, bispos, patriarcas, sumos-sacerdotes, visitas regulares das autoridades gerais, etc. Você tem o desejo de aceitar sua parte na responsabilidade de estabelecer Sião aqui na América do Sul?

Nós, os do sul, sentimo-nos muito orgulhosos de pertencer à Igreja verdadeira. Eis alguns dados que bem demonstram o nosso progresso:

Atualmente somos em número superior a 9.500. Em nossa missão há onze distritos e quarenta e dois ramos;



C. Elmo Turner, o atual presidente da Missão Brasileira do Sul, é natural de Bluffdale, Utah. Começou a presidir essa missão a 7/8/1964.



temos onze edifícios próprios, estamos construindo cinco capelas e pretendemos começar a construir mais três brevemente. Há quarenta construtores de capelas trabalhando nessas obras.

No campo missionário trabalham duzentos e doze jovens. Centenas de irmãos fiéis à Igreja ajudam na obra de proselitismo, como membros das equipes do Comitê Missionário do Ramo.

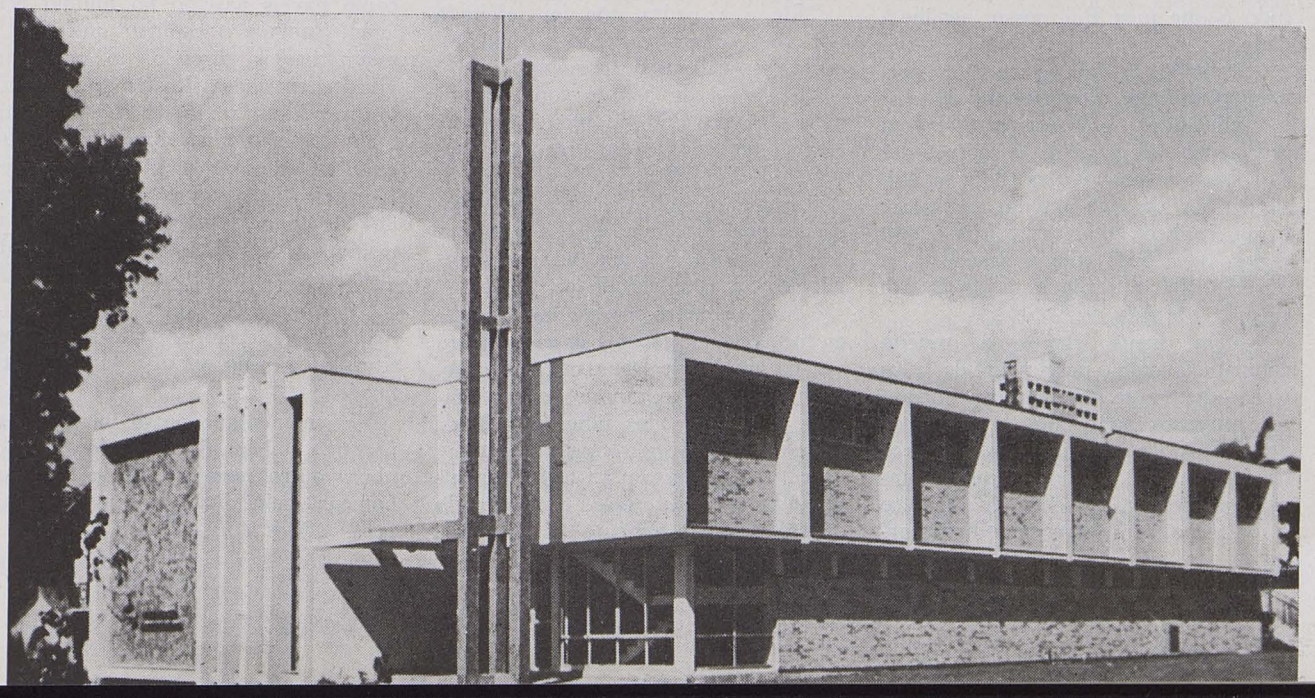
O que nos faz muita falta é o sacerdócio. Temos apenas duzentos e oitenta e um élderes locais. Contudo, através de diversos programas atrativos, muitos homens estão se reativando e recebendo o Sacerdócio de Melquisedeque. Temos duzentos e cinqüenta rapazes com o Sacerdócio Aarônico e duzentos e noventa homens com o mesmo sacerdócio. Cada ramo tem o desafio de preparar, pelo menos, dois homens para serem entrevistados para o Sacerdócio de Melquisedeque em cada conferência distrital. E os líderes estão correspondendo ao desafio!

Tôdas as juntas auxiliares da missão estão sendo presididas por membros locais. Êsses brilhantes líderes estão visitando e incentivando os líderes de todos os ramos e distritos. Êles próprios planejam, organizam e executam todos os programas.

Temos algumas metas para 1966: pretendemos batizar dois mil e quatrocentos novos conversos; vamos organizar mais quatro quóruns de élderes (agora temos quatro); teremos liderança local em cada ramo e distrito (há ainda cinco ramos e três distritos sendo presididos por missionários); vamos fortalecer as auxiliares e aumentar a freqüência de cada uma em, pelo menos, dez por cento

Com tudo isso, cada membro vai desenvolver mais espiritualidade, por ser mais obediente e humilde.

Sentimo-nos orgulhosos por sermos pioneiros e trabalharmos junto com vocês nesta obra maravilhosa, que é a de estabelecer o reino de Deus aqui no Sul de Sião, em preparação à segunda vinda de Jesus Cristo, nosso rei e redentor. Nós, os do sul, expressamos nosso amor a vocês, caros irmãos. Que Deus os abençôe.



Meus irmãos do sacerdócio: Estou agradecido pelo privilégio de lhes dirigir a palavra hoje à noite.

A Primeira Presidência convidou-me a falar sôbre a responsabilidade que têm os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque. Da maneira como entendo o evangelho, essa responsabilidade vem até nós através de Jesus Cristo. Mas o convênio do Sacerdócio de Melquisedeque é feito com Deus, o Pai Eterno e com Êle devemos manter tal convênio. Êsse é o chamado mais sagrado e o maior poder que Deus deu ao homem e temo que muitos de nós não

A RESPONSABILIDADE DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE

Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze. Discurso feito na 135.ª Conferência Geral, em outubro de 1965.

percebem a grande responsabilidade que êste chamado traz aos nossos ombros, quando nos propomos a nos tornar os eleitos de Deus.

Recebemos o sacerdócio de acôrdo com as palavras de Jesus Cristo:

"... e se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão e a igreja e o reino e o eleito de Deus.

"E também todos os que recebem êste sacerdócio a mim me recebem, diz o Senhor;

"Pois aquêle que recebe os meus servos a mim me recebe,

"E aquêle que me recebe a mim, recebe a meu Pai;

"E aquêle que recebe a meu Pai recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado.

"Portanto, é dado para que permaneça em vós: o testemunho do céu; o Confortador; as coisas pacíficas da glória imortal; a verdade sôbre tôdas as coisas; o que vivifica tôdas as coisas; o que dá vida a tôdas as coisas; o que conhece tôdas as coisas e tem poder, de acôrdo com a sabedoria, a misericórdia, a verdade, a justiça e o juízo!" (Moisés 6:59-61)

Notem, meus irmãos, a perfeita comparação com o nascimento de Jesus Cristo dentro de sua família. Portanto, tomamos sôbre nós o nome de Jesus Cristo e nos tornamos membros da família real. Se almejamos alcançar na carne a presença de Deus, o Pai Eterno, com êstes magníficos corpos atuais que se tornarão purificados e espiritualizados a fim de habitarem na presença de Deus, só poderá ser através de Jesus Cristo, o Unigênito na carne. Assim, nos tornamos, por meio de Cristo, membros da família de Deus, o Pai.

O Apóstolo Paulo escreveu: "Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo." (Efésios 4:15)

Não há outro meio, nem outro nome dado, pelo qual podemos regressar à presença de Deus, o Pai Eterno, com um corpo ressurrecto de carne e ossos.

Nefi disse: "... como vive o Senhor Deus, não há outro nome dado debaixo do céu, mediante o qual o homem possa salvar-se, a não ser o dêste Jesus Cristo, do qual já falei." (2 Nefi 25:20)

E Pedro, quando prestou seu testemunho, usou as seguintes palavras:

"Êle é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina.

"E isso é de acôrdo com o juramento e convênio do meu Pai, que êle não pode quebrar, nem pode ser removido." (D&C 84:34-40)

Raramente realiza-se uma conferência na qual esta maravilhosa escritura não seja lida e ainda assim alguns falham em compreendê-la.

Como primeiro passo no nôvo e eterno convênio, somos nascidos outra vez na família de Deus, o Pai Eterno. Mas como? Lembram-se de que embora fôssemos todos filhos espirituais de Deus, Êle teve sòmente um filho na carne, que nasceu na terra, tomando sôbre si carne e ossos e carregando dentro de si a semente da imortalidade? Pois êle era, na realidade, Jesus Cristo, o Redentor, o Messias, o Unigênito de Deus. Jesus Cristo guardou o convênio feito com Deus, o Pai Eterno e tornou-se o grande sumo-sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque. Por ter guardado completamente o convênio como Varão Perfeito, filho obediente de Deus e possuidor da semente da imortalidade, transformou-se no primeiro fruto da ressurreição para viver eternamente com seu corpo de carne e ossos e sentar-se ao lado direito do Pai. Através do convênio do batismo, que é chamado renascimento, somos nascidos novamente na família de Deus, através daqueles três elementos pelos quais nascemos neste mundo.

Adão foi informado que deveria ensinar estas coisas a seus filhos:

"Que por causa da transgressão vem a queda que traz a morte; e como haveis nascido no mundo pela água, sangue e espírito que fiz, e assim haveis tornado do pó, alma vivente, mesmo assim tereis de nascer outra vez no reino do céu, da água e do Espírito e ser limpos pelo sangue, até mesmo o sangue de meu Unigênito, para que sejais santificados de todo o pecado e gozeis das palavras da vida eterna no mundo vindouro, até mesmo a glória imortal.

"Porque, pela água guardareis o mandamento, pelo Espírito sereis justificados e pelo sangue sereis santificados.

"E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:11-12)

Esta doutrina é tão importante para a compreensão dos profundos princípios do evangelho que foi repetida em nossa geração:

"Eis que, Jesus Cristo é o nome dado pelo Pai, e não há outro nome pelo qual o homem se possa salvar;

"Portanto, todos os homens devem tomar sôbre si o nome que é dado pelo Pai, pois por êsse nome serão chamados no último dia;

"Portanto, se êles não conhecerem o nome pelo qual serão chamados, não terão lugar no reino de meu Pai." (D&C 18:23-25)

Bem, irmãos, até agora falei sòmente do primeiro passo do caminho que nos concederá o punhado de bênçãos que Deus reservou para nós, se desejarmos pagar o preço incluso nessas bênçãos. Passemos agora ao degrau seguinte da escada do progresso.

Uma pessoa que vai viajar delega os direitos de procuração ao seu advogado, a fim de que o mesmo possa agir em seu nome. Com êsses direitos, o procurador pode agir em nome de seu cliente e dirigir seus negócios como se fôssem seus próprios. Da mesma forma Deus, o nosso Pai, por imposição das mãos por aquêles que têm autoridade, deu a nós, seus filhos encarregados do convênio, o poder do sacerdócio, permitindo-nos falar em seu nome como se Êle estivesse aqui em pessoa. Êsse é o Sacerdócio de Melquisedeque, ou o Santo Sacerdócio, segundo a ordem do filho de Deus.

Há os que pensam que Deus concede o sacerdócio com demasiada franquia aos homens de hoje, os quais não apreciam êsse chamado. Entretanto, tenho fé em Deus e creio que o sacerdócio foi oferecido dêsse modo, pois que há muitos homens com direito a êsse poder devido à sua fidelidade no mundo espiritual; e agora estão recebendo êsse poder em confiança, para ver se o apreciarão e o magnificarão de acôrdo com a grandeza que lhe é inerente. Acredito que esta vida é um período de provações para tais pessoas, a fim de se verificar se são dignas de receberem maior magnificação no reino de Deus.

É-me difícil expressar a gratidão que sinto pela confiança que Deus depositou em nós. Relembro as palaras de Davi, que cantou:

"Que é o homem mortal para que te lembres dêle? E o filho do homem, para que o visites?" (Salmos 8:4)

Evidentemente Deus, nosso Pai, tem um conceito muito mais alto de nós do que temos sôbre nós mesmos, pois bem nos conhece através de nossa vida anterior. Êle informou ao profeta Jeremias:

"Antes que te formasses no ventre te conhecí e antes que saísses da madre te santifiquei, às nações te dei por profeta." (Jeremias 1:5)

Abraão registrou: "Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre tôdas estas havia muitas nobres e grandes.

"E Deus viu estas almas que eram boas, e Êle ficou no meio delas e disse: A êstes farei meus governantes; porque Êle estava entre aquêles que eram espíritos e viu que êles eram bons; e disse-me: Abraão, tu eras um dêles; fôstes escolhidos antes de nasceres." (Abraão 3:22-23)

O Profeta José, ao se referir a tais assuntos disse:

"Todo o homem que receber um chamado para ministrar aos habitantes do mundo foi ordenado com êsse mesmo propósito no Grande Conselho do Céu antes da formação dêste mundo. Suponho que eu fui ordenado a êste mesmo pôsto no Grande Conselho." (DHC 6,364)

Estou confiante, meus irmãos, que Deus conhecerá a semente da grandeza que colocou dentro de nós, se nos elevarmos à completa estatura de nossa virilidade. Com esta confiança em nós e com a fé que devemos responder a êsse chamado, Deus não nos deu apenas o Sacerdócio Aarônico, mas o de Melquisedeque também; o Sacerdócio Aarônico é limitado "... às chaves da administração dos anjos, e administrar em ordenanças exteriores, a letra do evangelho..." (D&C 107:20)

O Sacerdócio de Melquisedeque não é, pois, limitado; relaciona-se com "... as bênçãos espirituais da Igreja —

"Ter o privilégio de receber os ministérios do reino do céu e ver abertos os céus; de comunicar-se com a assembléia geral e igreja do Primogênito e gozar da comunhão e presença de Deus, o Pai e Jesus, o Mediador do nôvo convênio." (Idem 107:18-19)

Portanto, entendemos a responsabilidade do Sacerdócio de Melquisedeque como sendo a de falar em nome de Jesus Cristo, como se Êle estivesse aqui em pessoa. Que enorme responsabilidade coloca-se em nosso ombros! Quando impomos as mãos sôbre a cabeça de uma pessoa, com o poder do Sacerdócio de Melquisedeque, é como se fôsse o Senhor que estivesse realizando essa sagrada ordenança. Isso foi o que Êle disse a Edward Partridge referindo-se ao poder do sacerdócio transmitido por Sidney Rigdom:

"E imporei sôbre ti minha mão pela mão do meu servo Sidney Rigdon e tu receberás o meu espírito, o Espírito Santo, mesmo o Consolador, que te ensinará as coisas pacíficas do reino." (Idem 36:2)

Os élderes desta Igreja receberam o poder, mantido em sua totalidade pelo profeta do Senhor, pois devem selar a bênção sôbre as cabecas dos que estão enfermos e podem rechassar enfermidades e maus espíritos de acôrdo com a fé que possuirem. Não há limites para o poder dessa fé. É-nos dito que a fé de Enoque era tão grande no uso dêsse sacerdócio, "... que êle conduziu o povo de Deus e seus inimigos saíram à batalha contra êle;

e êle falou a palavra do Senhor e a terra tremeu e as montanhas fugiram, mesmo de acôrdo com o seu mandamento; e os rios se desviaram de seus cursos e o rugido de leões se fêz ouvir no deserto e tôdas as nações tremeram grandemente, tão poderosa era a palavra de Enoque e tão grande era o poder da palavra que Deus lhe dera." (Moisés 7:13)

Voltemos agora aos nossos dias. O poder de proferir a palavra é concedido a dezenas de milhares de membros da Igreja. Êsse grande poder é o de falar em nome de Jesus Cristo, falar como filhos adultos de Deus, comissionados com tão grande poder, sòmente limitado por nossa fé.

Deus tem grande fé em nós para nos conceder tamanho poder. Êsse poder sòmente pode ser usado em retidão. Não podemos usá-lo com vigor se nós mesmos não fôrmos retos. E aí está a grande responsabilidade do sacerdócio de Melquisedeque: não podemos falar nem agir com poder se não tivermos um testemunho de Jesus Cristo, em cujo nome devemos agir.

Para falar em nome de Deus devemos ser virtuosos; não falar e agir com rudeza ao tratarmos nossas espôsas e filhos; não negligenciar nossas reuniões; guardar o dia do Sábado santificado. Não devemos ser cobiçosos e mesquinhos em nossas transações comerciais, nem mentir e enganar o nosso próximo. Devemos ser leais às promessas que temos feito no templo e seguir o conselho que nos é dado pela Primeira Presidência, falando em nome do Senhor.

Para usar o sacerdócio devemos magnificá-lo, mantendo nossa palavra dada, de acôrdo com a promessa e convênio do sacerdócio.

Não me agrada insistir no lado negativo de nossas responsabilidades, mas devo citar a palavra de Deus como uma advertência solene, a nós que possuimos essa responsabilidade do sacerdócio em nossos ombros:

"Atendei e ouvi, ó meu povo, diz o Senhor e vosso Deus, vós em quem me deleito em abençoar com as maiores de tôdas as bênçãos, vós que me dais ouvido; e vós que professastes o meu nome e que não me dais ouvido, a vós amaldiçoarei com a mais pesada de tôdas as maldições." (D&C 41:1)

Apesar de ser bom ter o conhecimento destas coisas, gostaria de mencionar as promessas contidas nas palavras de Pedro diretamente aos irmãos que êle chamou "...a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;

"Vós que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia." (I Pedro 2:9-10)

Como disse Pedro a Jesus Cristo: "Visto que como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua glória e virtude;

"Pelas quais êle nos tem doado as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-nos da corrupção das paixões que há no mundo,

"Por isso mesmo, vós, reunindo tôda a vossa diligência, associai com vossa fé, a virtude; com a virtude o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor.

"Porque estas coisas existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo." (2 Pedro 1:3-8)

Êste é meu testemunho da responsabilidade do Sacerdócio de Melquisedeque: ser leal aos que presidem acima de nós e nos dirigem ao procedimento correto, tornando-nos meigos, gentís e bondosos ao fazermos uso do maior poder que Deus já concedeu ao homem.

Tendo em vista a enorme responsabilidade do Sacerdócio de Melquisedeque, poderíamos indagar de Deus, "Que tipo de homens devemos ser?" Permitam-me responder com as palavras de Jesus:

"E sabeis que sereis os juízes dêsse povo, de acôrdo com os julgamentos que vos darei, os quais deverão ser justos.

"Portanto, que classe de homens devereis ser? Em verdade vos digo que devereis ser como Eu sou." (3 Nefi 27:27)

Presto-lhes meu testemunho da divindade dêste poder em nome de Jesus Cristo. Amém.

(Continuação da pág. 34)

"Nós, os abaixo-assinados cidadãos de Richmond, do Condado de Ray, no Estado de Missouri, onde David Whitmer tem residido desde o ano de 1838, certificamos que o conhecemos intimamente e de longa data e sabemos que é um homem de grande integridade e indubitàvelmente veraz e digno de confiança.

"Dado em Fichmond, Missouri, aos 20 de março de 1881.

A. W. Doniphan; George W. Dunn, Juiz do Circuito Judiciário;

T. W. Woodson, Presidente da Caixa Econômica do Condado de Ray;

J. T. Child, Editor do *Conservator*;

H. C. Carner, da Caixa Econômica do Condado de Ray;

W. A. Hollman, Tesoureiro do Condado."

Seguiam-se quinze outras assinaturas, entre as quais a do prefeito, chefe dos correios, comerciantes, banqueiros, promotores, juízes, médicos e outras autoridades do condado e município.

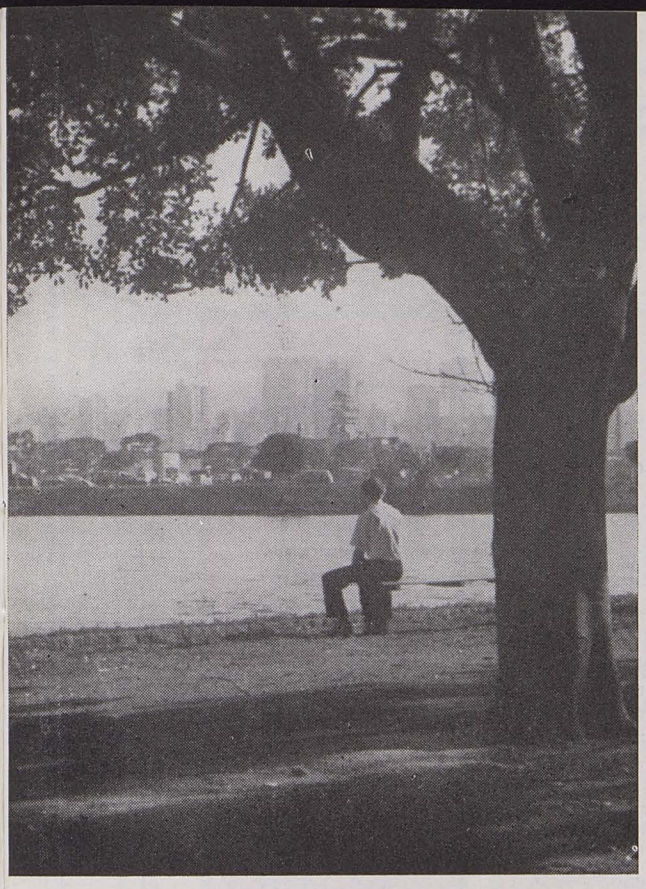
O *Conservator* estampou, na mesma edição, na parte editorial, o seguinte:

"Não resta dúvida de que o sr. Whitmer foi uma das "três testemunhas" da autenticidade das placas de ouro das quais afirma que Joseph Smith traduziu o Livro de Mórmon, e está firmemente convencido de sua origem. Tendo residido aqui por quase meio século, é com bastante orgulho que êle apela para o seu nome limpo, e agora com as neves de setenta e cinco invernos coroando-lhe a cabeça como uma auréola, e sua peregrinação pela Terra quase concluída, êle reitera suas declarações antigas, e deixa ao futuro a tarefa de resolver o problema de cujo cumprimento êle foi apenas uma testemunha passageira."

Edward Stevenson, em carta dirigida a Daniel H. Wells, datada de 16-2-1886, disse: "Quando David Whitmer tinha oitenta e um anos de idade, deu-me o seguinte testemunho:

"Tão certo quanto o sol brilha e eu estou vivo, exatamente com a mesma certeza o anjo apareceu a mim e a Joseph Smith — e eu ouví a sua voz e ví o anjo de pé diante de nós e sôbre a mesa estavam as placas, a espada de Labão e a esfera ou bússola.

"Ao prestar êste testemunho, o ancião como que se revitalizava e suas feições brilhavam com ânimo e nôvo vigor."



Rui M. Bronze

Jóias do Pensamento

SOBRECARGA DE PREOCUPAÇÕES

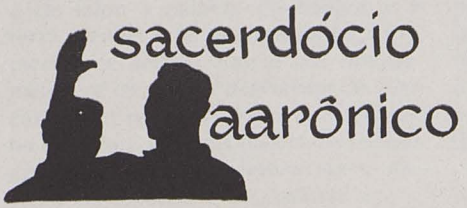
Richard L. Evans

"De manhã," afirmou Marco Aurélio, "tenhamos êste pensamento: levanto-me para realizar uma tarefa de homem" — não para um passado aborrecido, acusador, sem arrependimento, mas para um dia em que farei o que devo e posso fazer. "Não podemos viver melhor sem procurarmos nos tornar melhores," afirmou Sócrates, "nem sermos mais agradáveis sem têrmos uma consciência limpa." E quanto às preocupações: as que estão no futuro virão e ir-se-ão como aquelas que já vieram e se foram. "... viva para o futuro entusiàsticamente," escreveu o Dr. Battista, "e enterre tudo acêrca do passado, de modo que não interfira com atitudes negativas em relação a você próprio e aos outros."

"Vamos, meus amigos," disse Tennyson, "não é tarde demais para se buscar um mundo melhor." "... encare o Futuro enevoado sem mêdo e com um coração varonil," disse Longfellow. "Um pouco mais de paciência," como expressou Elbert Hubbard, "um pouco mais de caridade para com todos, um pouco mais de devoção, um pouco mais de amor... mais fé em nossos semelhantes e a raça humana estará pronta para a explosão de luz e vida." Henry Webster afirmou com intensa gratidão e fervor: "Há um futuro, ó graças a Deus!" — um futuro que pode estar parcialmente livre da desordem e ruína daquela fase de nossa vida que, já arrependidos, devemos colocar no passado.

Há muitos que carregam o pêso e as preocupações do presente razoàvelmente bem. No entanto, alguns há que persistem em carregar as preocupações do passado, tornando-as uma sobrecarga.

"Podemos conduzir as coisas fàcilmente, se considerarmos cada dia de acôrdo com sua carga correspondente," afirmou John Newton. "A carga, entretanto, será demasiado pesada para nós, se novamente somarmos o pêso de ontem ao dia de hoje e depois acrescentarmos a carga do amanhã ao pêso anterior, antes mesmo de estarmos prontos a suportá-la." Podemos muito bem nos amoldar a cada hora com suas oportunidades e obrigações, mas não podemos arcar com todo o pêso do passado, presente e futuro de uma só vez. Mencionamos êste assunto, quando nos referimos ao arrependimento, o qual não deve ser adiado e sim sentido o quanto antes, pois não é boa política conduzir tal carga por mais tempo ou mais adiante. Algumas coisas devem ser deixadas para trás ou o seu pêso nos arrasará.



EM QUE CREIO

Queridos irmãos, quero agradecer ao Pai Celestial por pertencer a esta maravilhosa Igreja!

Sei que êste é o caminho da verdade e da salvação. Para mim foi uma grande satisfação quando os missionários apareceram pela primeira vez em minha casa, para transmitir êsse maravilhoso evangelho.

Quando bateram, minha avó foi atendê-los e quando disseram que eram missionários da Igreja Mórmon, ela logo respondeu que não adiantaria nada, pois que minha família era de outra religião. Mas graças à insistência dêsses missionários somos hoje uma família mórmon feliz.

Sei que êste é o caminho da perfeição e se o seguirmos, conseguiremos a exaltação; esta é a única Igreja na Terra que tem a mesma organização da Igreja quando foi fundada. Temos um profeta, David O. McKay, que recebe revelações para nos guiar. Temos Doze Apóstolos e também os sacerdócios maior e menor.

Eu sou diácono e logo serei mestre. Espero sempre progredir para ajudar no que puder. Desejo, também que daqui a alguns anos esta cidade seja tôda mórmon, pois estamos trabalhando para que isso aconteça. Deixo êsse humilde testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Carlos Alberto Lepoli,
Diácono, 13 anos,
Ramo de Santo André.

PORQUE SER MÓRMON

Malgrado a enorme quantidade de seitas que se intitulam cristãs, é muito comum ouvir-se pessoas dizerem, "não sou afiliado a nenhuma organização religiosa, pois a qualquer que vá, alí encontrarei a palavra de Deus"...

Quão enganadas estão essas pessoas! De que maneira é possível servir a dois Senhores? Em Lucas 16:13, vemos ser isto impossível.

A verdade tem sido o objetivo de muitos, mas poucos a conseguem, pois que raros são os que a buscam de coração.

Algumas vêzes já me foi perguntado porque sou mórmon; a êstes, eis minha resposta: sou mórmon porque procurei algo que antes não possuía e que nem mesmo encontrei entre meus antigos amigos, nos clubes, associações que até então freqüentara.

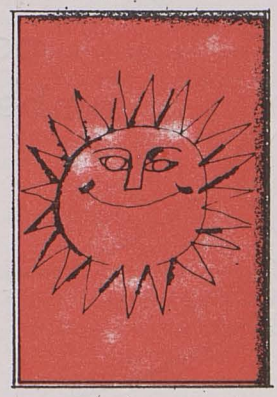
Vasculhei e, sinceramente, achei: o verdadeiro evangelho de Cristo, sem distorções, falsidades ou interpretações errôneas. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, comumente chamada de Igreja Mórmon, possui aquilo que em nossos dias poderíamos chamar de uma *foto-cópia* da antiga Igreja de Cristo, por Êle estabelecida aqui na Terra no tempo de seu ministério.

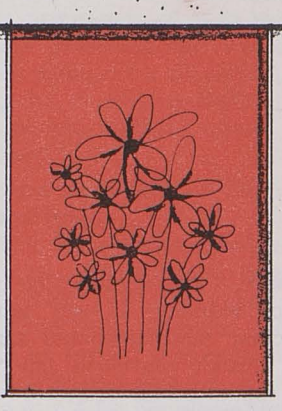
Sei que a doutrina ensinada por ela é verdadeira. Cristo vive, bem como Deus, o Pai; e juntamente com o Espírito Santo formam a Trindade.

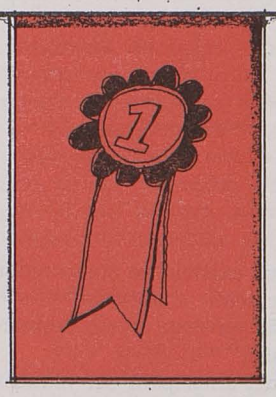
Possuo êste testemunho e sei também que o Senhor ouve nossas orações e que podemos, portanto, falar com Êle através das mesmas.

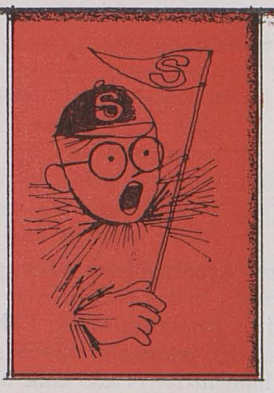
Darci Pereira da Luz,
Sacerdote, 19 anos.
Ramo de Alegrete, MBS.

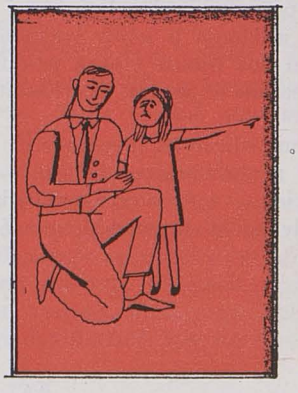
Que
haja
muitas
janelas
em sua
alma





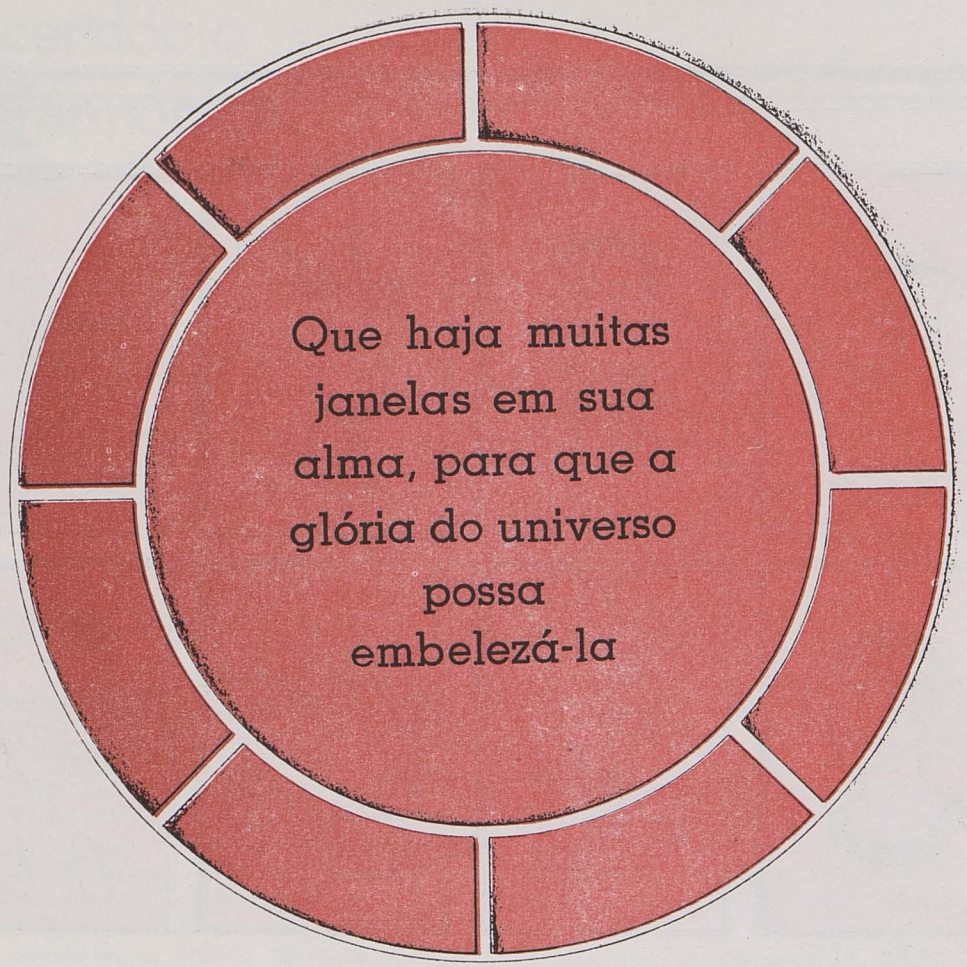






Juventude
da
Promessa
Julho / 1966

Marion D. Hanks
e
Elaine Cannon



Como é maravilhoso saber que existem ao nosso redor tantas coisas lindas para se ver e sentir e apreciar!

Lord Chesterton disse: "Não existem coisas desinteressantes; as pessoas é que o são."

O homem foi criado com uma alma para ser alimentada e com a necessidade de alimentá-la. Seu sustento é tudo o que nos rodeia, tudo o que é aproveitável. Temos sòmente que abrir as muitas janelas de nossa alma — empregar alegremente os nossos olhos, ouvidos e intuição, usar nossos sentidos e nossa "visão íntima." Podemos suprir as nossas mentes com figuras bonitas para olharmos, coisas inspiradas para ouvirmos, boas memórias para relembrarmos.

O grande naturalista, Dr. Louis Agassiz, abriu as portas de uma nova vida a uma senhora que achava que "nunca tinha tido chance," ao perguntar-lhe qual era a composição dos tijolos vidrados de seu quintal, onde punha os pés ao executar suas monótonas tarefas. Sua curiosidade aumentou quando descobriu que um dêsses tijolos é composto de caulim e hidrossilicato de alumínio. Quando terminou as pesquisas, seu relatório foi publicado. Então o dr. Agassiz ajudou-a a sentir vontade de saber o que estava embaixo dos tijolos e suas pesquisas sôbre as formigas transformaram-se em um interessante livro de 360 páginas.

Nesta e na próxima edição da juventude da promessa, você poderá começar a abrir muitas janelas — desde a apicultura até a medicina — e fortalecer o mais importante processo de desenvolvimento do mundo, que é sua própria alma!

Marion D. Hanks

A ABELHA

Frederic C. Romney

Olhem a pequena abelha operária: uma entre 50.000 zangões e abelhas é capaz de produzir uma colher de chá de mel; nasceu para viver apenas seis semanas; nasceu apenas para trabalhar até a morte. Ainda assim cada abelha sente-se honrada ao defender as irmãs com a própria vida. Sòmente o zangão escapa de trabalhar até o dia de morrer... para morrer de fome ou de frio numa gelada noite de inverno.

Eu observava fascinado e preocupado, um menino tentando pegar abelhas com uma jarra de vidro. Parecia estar interessado em alguns membros especiais da colméia, sem ter muito sucesso. Perguntou-me, "O senhor teria algumas rainhas que pudesse ceder-me, para iniciar uma colméia? Já apanhei seis ou sete operárias, mas ainda não tenho nenhuma rainha."

Tive, então, a oportunidade de dar duas lições: uma sôbre ética e outra sôbre apicultura: "Estas abelhas são minhas. E custam mais ou menos oito mil cruzeiros por quilo. Se todos viessem aqui buscar as abelhas para começarem suas próprias colméias, ou ficaria sem nenhuma.

Durante a primavera nós, os apicultores, andamos por tôda a cidade à cata de enxames. Para começar uma boa colônia precisamos de, pelo menos, um quilo de abelhas, ou seja, quase dez mil. Um de meus enxames, dois meses atrás, pesou cêrca de cinco quilos. Você vê, quatro ou cinco quilos de abelhas começariam uma boa colméia, mas cinco ou dez abelhas, mesmo com uma rainha, não teriam chance."

Com esta explicação, o menino deixou as abelhas voarem para longe.

O mel é um alimento histórico. Os jareditas trouxeram abelhas consigo para o deserto e para a terra da promissão (Vide Éter 2:3); Jacó enviou favos de mel ao rei do Egito, como presente (Gênesis 43:11); a vinda do Messias foi predita com estas palavras: "...portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho e será o seu nome Emanuel.

"Manteiga e mel comerá, até que êle saiba rejeitar o mal e escolher o bem." (Isaías 7:14-15)

Quando de sua volta a Jerusalém, após a ressurreição, Jesus comeu favos de mel com seus discípulos. (Vide Lucas 24:42)

Aristófanes, cêrca de 400 a.C., disse que a cêra das abelhas era boa para muitos propósitos, entre os quais proteção do metal, modelagem, selagem de cartas de amor.

Um dos mais agradáveis passatempos dêste apicultor, é o de fazer palestras em escolas: as crianças ficam fascinadas pelas abelhas. Uma grande classe de crianças pode fazer perguntas durante uma hora, sem parar. As crianças sentem orgulho ao pegar os zangões, quando não têm ferrões.

Após dizer a uma classe ginasial como as operárias reúnem o néctar, guardam as entradas, alimentam as mais novas, mimam a rainha, etc., e como a rainha pode pôr cêrca de dois mil ovos por dia, uma meninazinha perguntou: "A rainha só faz isso... senta-se e põe ovos o dia inteiro?"

Comecei minha apicultura às avessas: comprei uma colméia e depois comecei a aprender sôbre as abelhas. Ao fazer a compra, nem ao menos entendia os nomes que lhes davam: *própole, peste de abelhas* eram "grego" para mim; nem ao menos sabia o sentido da palavra enxame!

Pensava que ser apicultor significava sòmente possuir uma colméia. Entretanto, logo descobri que um apicultor é carpinteiro, pintor, médico, dietista, vendedor, relações públicas, para no meu caso, cêrca de duzentas mil "operárias." Muitos apicultores possuem milhares de colméias. possuo o escasso número de cinco.

Um apicultor, além de construir, pintar, etc., tem de isolar suas abelhas das intempéries. Cuidadosamente procura os sinais de doença e, quando necessário, cura-as. Destrói as colônias portadoras de epidemias. Fornece substitutos do pólen, quando as abelhas acabam o seu. Coloca seu produto no mercado, promove sua venda e manda relatórios ao ministro da Agricultura.

O apicultor verifica a prole, para julgar a produtividade da rainha, tira o mel das colméias, cujo formato é o de um hexaedro de 10 polegadas de comprimento por 16 de largura, cheias de favos de mel. Tem, em resumo, de trabalhar por sua colméia.

Curiosidades:

Você sabia que um zangão tem avô, mas não tem pai? (Consulte partenogênese.)

As abelhas não picam quando estão em enxames.

O mel tem que sazonar dentro da colméia. Não muda ao ser transportado da colméia para o uso normal, sòmente tem de ser peneirado para remover-se o pólen e a cêra.

O mél, conservado por muitos meses, poderá mudar sua côr, de âmbar para vermelho. Outras qualidades poderão até mudar do vermelho escuro para o prêto!

Contrário à opinião popular, as abelhas têm inimigos: pássaros, gambás, ursos, marimbondos, parasitas e até mesmo doenças.

As abelhas preferem orientar seus favos para o norte e sul. (Não o norte geográfico, mas sim norte magnético.)

MEU CANTINHO

Chico Gaita e a Cabeça de Baleia

Murrey T. Pringle

Parte I

Chico Gaita sentou-se nos degraus do alpendre de sua casa, soprando numa gaita de bôca com todo o fôlego e produzindo apenas uma série de ruídos estridentes, o que obrigou seus companheiros a taparem os ouvidos com os dedos, já em desêspero.

"Ufa!" gemeu Bento Pereira, "pare com isso, sim? Meus tímpanos!"

"Silêncio!" refutou Chico Gaita em altos brados. "Estou praticando."

"Você chama isso de praticar?" indagou Pedrinho Amoreira. "Porque não leva esse fazedor de ruídos para usá-lo como sirene?"

"Companheiros, vocês estão despeitados, só isso," afirmou o pretenso gaitista. "Claro que leva tempo para dominar o instrumento, mas eu o conseguirei. Dêem-me um pouco mais de tempo.

"Você tem torturado o pobre do instrumento e a nós também durante êstes seis meses," objetou Bento. "Quanto tempo ainda precisa?"

Francisco Ferreira, alcunhado de Chico Gaita pelos amigos, devido aos seus esforços baldados para dominar o tão querido instrumento, não contestou. Apenas fitou lânguidamente a gaita. Finalmente, pressionou-a contra palma da mão, fê-la escorregar para dentro do bôlso da camisa e levantou-se.

"Bem, por hoje chega de praticar, acho eu," anunciou êle.

"Arre!" Arfou Bento, largando as mãos dos ouvidos. "Que favorzinho tão grande!"

"Qual é o programa?" Perguntou Pedrinho. "Alguém tem uma boa idéia para se pôr em execução?"

Chico sacudiu a cabeça. "Eu não," disse:

"Poderíamos ir até a *Cabeça de Baleia,*" sugeriu Pedrinho.

"O que é que tem lá?" quis saber Bento, protestando. "Já estivemos lá uma infinidade de vêzes. Não há nada de nôvo!"

"Oh, eu não acho!" afirmou Pedrinho. "Sempre encontramos o que fazer lá. Podemos pescar, catar pedrinhas ou experimentar a passagem de ar, ou coisa parecida. A gente se diverte tanto na velha *Cabeça de Baleia!*"

"Acho que é lá mesmo, então," disse Chico. "Vamos".

A pedra *Cabeça de Baleia,* às vêzes chamada de *Rochedo do Assobio* era nada mais do que alguns rochedos lisos e empilhados, existindo na área apenas dois blocos maciços. Numa extremidade havia uma caverna meia oculta por uma vegetação rala.

Na maré baixa as águas alí penetravam tão enlameadas e também sôbre os rochedos ponteagudos, que ninguém poderia entrar para explorá-la. Ainda assim oferecia muita coisa interessante. O rochedo que fazia de teto da gruta era consideràvelmente alto, mas em determinado lugar havia uma abertura de aproximadamente 20 cm, formando um canal que dava para a caverna. Tôda a vez que a água alí entrava, especialmente em maré alta, a onda forçava o ar, fazendo-o sair pelo orifício, correndo pelo canal um forte vento, acompanhado de um assobio.

Vinte minutos depois de decidir que visitariam a *Cabeça de Baleia* pela última vez naquela estação, Chico, Bento e Pedrinho foram se movimentando vagarosamente pelo caminho que descia até o ancoradouro.

Ancorado a uma estaca, estava o "Escudeiro," um barco a remo que os meninos tinha provisòriamente adaptado para veleiro. Era um barco muito feio, mas perfeitamente navegável. Minutos depois, o trio largou-se para o mar e após içarem as velas, timonearam em direção à ilhota.

Enquanto o pequeno barco cortava suavemente as ondas, Chico tirou sua gaita e começou a tocar.

"Tenha dó e ponha isso de lado," implorou Bento.

"Deixá-la de lado!" exclamou Chico, horrorizado pela idéia. "Nem fale uma coisa dessa!" Depois pensou por um instante e disse, "Vocês não sabem apreciar boa música e assim sendo eu a deixarei de lado — por enquanto!"

"Agradecemos muito!" suspiraram.

"Ei, olhem!" disse Chico, apontando para o céu, que num curto tempo transformara-se de um manto azul ensolarado em um ameaçador manto cinzento escuro.

"Oh, não," disse Pedrinho, contemplando o céu e notando pela primeira vez que as ondas já não estavam tão calmas. "Vai desabar um forte aguaceiro. Isso pode significar dificuldades, e bem ruinzinhas. Vamos correr mais e voltar para terra?"

Chico sacudiu negativamente a cabeça. "É melhor mantê-lo firme e no mesmo curso. Estamos quase chegando à *Cabeça de Baleia.* Falta menos de um quilômetro. Se voltássemos agora, teríamos de atravessar mais do que seis quilômetros em mar aberto e não me agrada a idéia de ser apanhado no velho 'Escudeiro' quando a borrasca se aproxima."

"O que você quer dizer com isso?" Bento vociferou no preciso instante em que uma rajada de vento mais forte que açoitava as águas, impeliu o barco contra os rochedos.

Instantâneamente tôdas as mãos lançaram-se em ação. Pedrinho começou a manejar a vela enquanto Chico usava uma latinha para retirar a água que se acumulava no barco quando êste fôra açoitado pelo vento. Cinco minutos depois um aguaceiro violento desabou em cheio.

Sòmente com habilidade todos os três conseguiram aproximar-se cêrca de uns duzentos metros da *Cabeça de Baleia.* Mas nem mesmo sua destreza marítima pôde impedir o que aconteceu depois. Uma outra rajada, varrendo tudo como um furacão, arrebatou o barquinho e fê-lo girar violentamente. Em seguida houve um tremendo estrondo.

"Pulem para fora!" bradou Chico. "Batemos nos rochedos, o barco está afundando!" E estava mesmo! A água entrava pela quilha e o barco começou a submergir por entre as violentas ondas.

"La se foi o nosso barco!" exclamou Bento, limpando as lágrimas que lhe corriam pelo rosto. "É mesmo o fim do nosso velho e querido barco 'Escudeiro'!"

Pedrinho e Chico menearam a cabeça, com pena. Sentiam a mesma mágoa que Bento. Era como perder um amigo.

"O nosso barco se foi e estamos encurralados na *Cabeça de Baleia,*" disse Pedrinho. "Estamos realmente em dificuldades. Logo agora que a temporada de turismo já se findou e ninguém aparece por aqui. E o que é pior, ninguém sabe que estamos aqui. E, a menos que imaginemos uma saída ou um jeito de enviar uma mensagem ao pessoal da cidade, morreremos de fome!"

Chico tentou desesperadamente pensar em algo que encorajasse seus companheiros, mas não pôde. Pedrinho tinha razão; êles se encontravam em sérias dificuldades. Como conseguiriam regressar à terra firme sem o barco? / *Continua.*

CONCURSO LITERÁRIO

VENCEDORES:

Élder Rodrigues, Ramo de Araraquara: "Pesado fôste na balança e..."
Juan Condon Vidal, Ala III: "Lição a um sumo-sacerdote"
Humberto de Andrade Silveira, Ala IV: "Um emprêgo para Gustavo"

MENÇÃO HONROSA

Floriano Peixoto da Costa, Ala II: "Rebanho sem pastor"
Antonio Ventura, Ramo de Ribeirão Prêto: "Naquele tempo, neste tempo"
Alexandre Vicente Lusitano, Ramo de Santana: "Jesus, o Salvador"
Beatriz Câmara Cavaco, Ramo de Santos: "Por que não fazer o que deve ser feito?"

Nota: Êstes artigos, ainda que possuidores de méritos indiscutíveis, não se classificaram por fugirem aos padrões estabelecidos para o concurso, seja por demasiadamente longos ou curtos, ou mesmo por não se enquadrarem ao teor da Liahona. Esclarecemos, outrossim, que brevemente entraremos em contato com os irmãos acima mencionados.

Merecem, igualmente, referência os artigos enviados pelos irmãos:

João Pedro Viecelli, Ramo de Pôrto União
Maria da Glória L. Silveira, Ala IV
Jorge Barbosa, Ramo de Caxias do Sul
Marcelo Ramos, Ala VI
Edson Rodney Sacchi, Ramo de Campinas II
Oswaldo W. Spät, Ala IV
Eugene Emile Rouilhès, Ramo de Campinas I
Eunice Leal, Ala II
Geny de Oliveira, Ala II
Gilberto M. Brown, Ala II
Josaphal S. Cavalcanti, Ala IV
José Luis Bigoni, Ramo de Ribeirão Prêto
Leonel Sá Maia, Ramo da Mooca
Ondina O. Ferraz, Ramo de Santos
Walter G. Paternez, Ramo de Santana
Alcivo Rocha Guedes, Ramo de Santa Maria
Mário Fernandes Dias, Ramo de Florianópolis

CIÊNCIA
&
RELIGIÃO

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

Hugh Nibley

professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young

RESSURGEM AS COISAS PRECIOSAS

PARTE I (Continuação)

Pistas em demasia. O mais notável e intrigante, a respeito dos escritos do Mar Morto, é a maneira como lembram ao leitor tudo que já leram anteriormente em fontes judaicas e cristãs. Alí encontramos os mais antigos e os mais puros textos do Velho Testamento, escritos pelas mãos de judeus que viveram muito antes de Cristo;[73] e a par com êles, e escritos pelas mesmas mãos, ainda temos muitas idéias e frases que até agora pensava-se serem peculiares ao Nôvo Testamento, incluindo-se expressões características de João e Paulo! Estão repletas, também, de coisas que por muito tempo foram consideradas associadas aos escritos apócrifos, tanto dos judeus quanto dos cristãos, bem como a ensinamentos atribuídos a vários grupos sectários antigos, desde os terapeutas pré-cristãos do Egito até aos caraítas da Mesopotâmia, no século IX.

E como se quisessem penitenciar-se por se distanciarem tanto, os mesmos documentos apresentam expressões que mais tarde viriam a aparecer nos escritos dos mais venerados e ortodoxos padres da Igreja Cristã e rabis dos judeus! Ao mesmo tempo tais pessoas pareciam particularmente ligadas aos judeus hassídicos que, ao contrário dos rabis, acreditavam em revelação contínua e mostravam afinidade com as seitas medievais catarianas e outros precursores do movimento protestante, para não dizermos nada dos muçulmanos.[74]

A despeito de a esmagadora conformidade de opiniões dos peritos indicar que tais pessoas eram judeus pré-cristãos, seus ensinamentos são tão tipicamente cristãos que uma autoridade eminente, como o professor Teicher, de Cambridge, ainda sustenta que só podem ter sido uma seita cristã! Seria quase desnecessário lembrar ao leitor que esta surpreendente mistura de uma estranha espécie de judaísmo com uma estranha espécie de cristianismo (a igreja da intuição, como a chamou Cross) é justamente uma das coisas que, no passado, mais divertiram e ao mesmo tempo ofenderam os críticos do Livro de Mórmon.

A descoberta dos manuscritos do Mar Morto é uma "história maravilhosa," na qual não é difícil ver-se a mão do Senhor.[75] Produziu ràpidamente uma "cascata de revoluções."[76] Os eruditos cristãos, principalmente os católicos, ficaram a princípio alarmados com a ameaça à "originalidade" de sua versão do cristianismo e tentaram diminuir ao mínimo a importância dos manuscritos,[77] enquanto que os peritos judeus viam as novas descobertas como uma ameaça ao judaísmo halácico "normativo" e, em alguns casos, denunciaram-nos severamente como fraude.[78] Houve verdadeira consternação quanto ao que

os manuscritos estavam fazendo ao texto bíblico aceito e até hoje os eruditos conservadores tentam pô-los de lado como se fôssem de pouca importância.[79] Entretanto em 1954, os judeus, que a princípio haviam permanecido indiferentes quanto aos manuscritos, pagaram alegremente duzentos e cinqüenta mil dólares por apenas quatro dêles,[80] e agora os eruditos cristãos asseguram que "todos nós deveríamos sentir orgulho de ter como parte de nossa herança, pessoas que hoje conhecemos como judeus do convênio, ou essenos."[81]

"A desprezível apócrifa." Uma das principais razões que levaram à negligência inicial quanto aos manuscritos do Mar Morto foi que, quando surgiram pela primeira vez, ninguém estava preparado para enfrentá-los. E estritamente falando, são apócrifos e poucos eruditos estavam interessados nessa literatura em 1945, quando o seu estudo "atingiu o ponto mais baixo da maré."[82]

dêsses escritos como genuínos, citando-os como escrituras; por isso não podem ser desprezados negligentemente.[83]

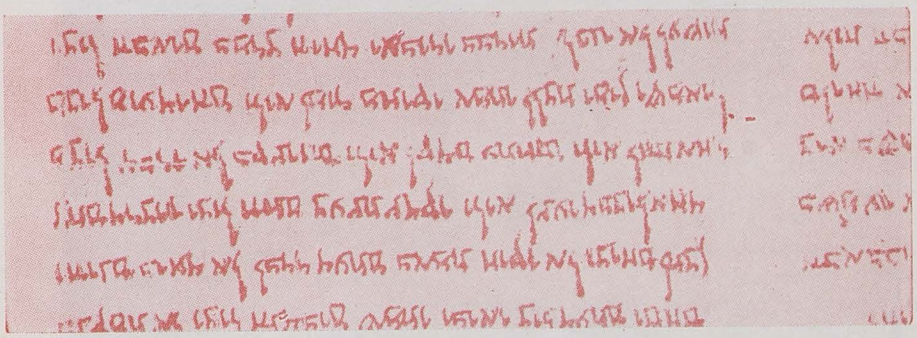
Por que não estão incluídas na Bíblia? Bem, algumas delas estão: A Bíblia católica contém catorze livros que não são encontrados nas versões protestantes. Por outro lado, existem livros da Bíblia, tais como Apocalipse, Ester, Rute, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos que são considerados, por muitos judeus e cristãos, como apócrifos e não deveriam estar na Bíblia.[84] Então, quem decide qual livro é ou não escritura? "Livros marginais?" pergunta o professor Torrey, "por qual autoridade?" "A autoridade foi suficientemente proclamada mas continuou a ser disputada... até o século XIX."[85]

Consideremos o caso do Livro de Enoque. Quase todos os escritores do Nôvo Testamento o conheciam... Judas o citou (no Nôvo Testamento) e também foi considerado como escri-

coisas preciosas" daquele registro sagrado.

Entretanto, se a autoridade daqueles que condenaram muitos dos apócrifos é duvidosa, a razão por que assim agiam não é difícil de descobrir, pois a premissa básica dos doutôres, tanto judeus quanto cristãos, a partir do século IV, é que a profecia e revelação cessaram para sempre.[87] Sendo êsse o caso, a única esperança de certeza (quanto à doutrina) repousa na posse de um livro de escrituras absolutamente infalível. Não poderia haver lugar para a afirmação de que um escrito poderia ser parcialmente falso e parcialmente verdadeiro: cada sílaba da palavra de Deus deveria ser absolutamente perfeita e fora de suspeita e se não o fôsse, se alguém dissesse que poderia haver qualquer falha na Bíblia, estaríamos na intolerável posição de nunca sabermos com certeza se qualquer versículo em particular é fidedigno ou não. Êsse foi o argumento de Santo Agostinho e tal é a posição da cristandade desde seus dias.

Segue-se que, uma vez que a apócrifa não é escritura, deve estar repleta da incertezas e por isso convém ser evitada como a uma praga perniciosa. Desde o século II, vinha sendo declarado perigoso admitir valor aos "escritos de fora," e essa classificação, a partir do século IV passou a ser aplicada à apócrifa.[88] Se, como diz Sto. Agostinho, "homens piedosos e sábios freqüentemente discordam" sôbre as escrituras,[89] como podem os homens obter orientação em trabalhos inferiores, incluindo-se nesta classificação as próprias traduções da Bíblia? Desde que havia sido oficialmente declarado que "o manancial escrito de tôda revelação é a Bíblia," aquela fonte teria que ser completamente infalível.[90] Os reformadores condenaram a apócrifa, como os doutôres da Igreja o haviam feito. Foi Karlstadt quem primeiro reuniu um certo número de livros que lhe desagradavam em um só volume, a que denominou "apócrifa" e declarou "imprestável para o uso cristão."[91] O Sínodo de Dort (1618/19) e a Confissão de Westminster concordam com o Bispo Lightfoot, que a "desprezível apócrifa" é apenas um "remendado de invenção humana"[92] e em 1816 a Sociedade Bíblica Americana condenou-os como "livros contestáveis."[93]



O que é a apócrifa? É um amplo conjunto de escritos judaicos e cristãos que existem paralelamente com a Bíblia, cada um dos quais, numa época ou noutra, foi aceito por algum grupo judaico ou cristão como escritura inspirada. Mas de onde veio? Os manuscritos existentes são tão antigos quanto os da Bíblia, às vêzes escritos pelas mesmas mãos, mas seu conteúdo revela fontes muito dispersas, algumas das quais são de origem ortodoxas e outras não.

Por que, então, nos preocuparmos com a apócrifa? Porque os escritores da Bíblia a respeitam e até a citam, incluindo assim, excertos da apócrifa em nossa própria Bíblia, enquanto que todos os padres da Igreja, nos três primeiros séculos aceitavam muitos

tura por Tomé... tinha tôda a autoridade de livro canônico para os primeiros padres e apologistas." Ainda assim "a partir do quarto século caiu em descrédito; e, sob o anátema de autoridades como Hilário, Jerônimo e Agostinho, gradualmente saiu de circulação até que se tornou completamente desconhecido da cristandade ocidental."[86]

Com que autoridade Hilário, Jerônimo e Agostinho, que discordam grandemente entre si sôbre questões de escritura, colocam sob condenação um escrito que a Igreja Primitiva aceitava e guardava carinhosamente? Aqui vemos como os líderes posteriores da Igreja, nenhum dos quais nem mesmo pretendeu ter autoridade de Chefe da Igreja, tiraram "muitas

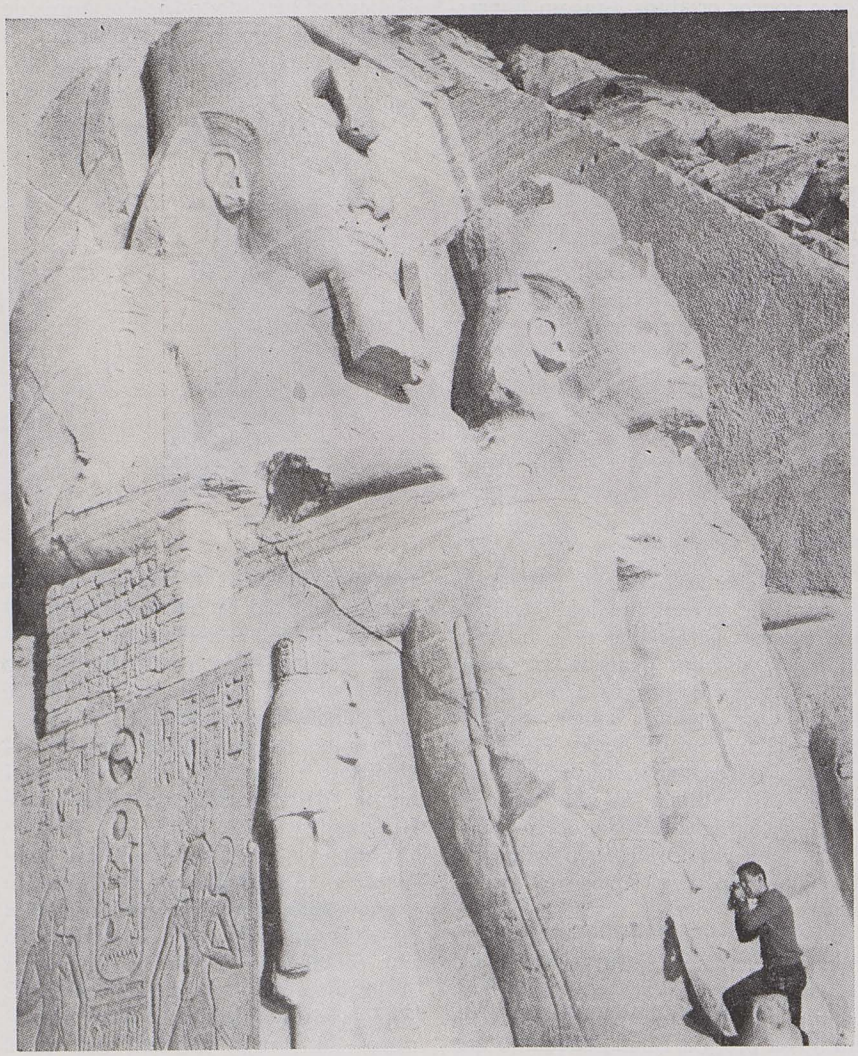
Desde que o mundo cristão havia tomado uma atitude uniformemente contrária aos apócrifos, não é de admirar que a dupla ofensa de Joseph Smith ao apresentar adições à palavra de Deus, ao mesmo tempo que proclamava a possibilidade de erros na Bíblia, fizesse o teto desabar sôbre sua cabeça. A imprudência do Livro de Mórmon foi seguida por uma declaração de princípios a respeito da apócrifa, recebida por revelação em 1833: "Na verdade, assim vos diz o Senhor quanto aos Livros Apócrifos — há muitas coisas contidas nêles que são verdadeiras e estão na maior parte, traduzidas corretamente,

"Há muitas coisas aí contidas que não são verdadeiras, as quais são interpolações dos homens... Portanto, aquêle que os ler, que compreenda, pois o Espírito manifesta a verdade; e quem fôr iluminado pelo Espírito se beneficiará pela sua leitura; e quem não receber o Espírito, não pode se beneficiar." (D&C 91)

A primeira parte desta revelação é uma clara afirmação da posição tomada pelos eruditos cristãos de hoje, não apenas a respeito do apócrifa, mas em relação à Bíblia igualmente. Atualmente chegamos a esfregar os olhos, quando lemos nos principais jornais protestantes, "É necessário que se repita, da maneira mais forte possível, que a esperança de certeza absoluta baseada em um Livro Infalível... é uma ilusão;[94] ou que o plano de Deus em relação à raça humana não inclui o que se possa chamar um "livro infalível de escrituras. ... a Bíblia nunca chegou a ser colocada em completa harmonia por nenhuma 'junta de editôres' de autoridade centralizada,"[95] ou a declaração do padre Herbert de que "a impropriedade da doutrina da infalibilidade das escrituras demonstrou-se por si mesma. É demasiado estreita para conformar-se com os fatos; não pode ser seguida... sem razão muito especial..." [96] ou segundo E. C. Blackman, que "a palavra de Deus está nas palavras da Bíblia, mas não pode ser identificada com elas... mas interpretada a partir delas."[97]

Interpretada por quem? Se os homens mais instruídos e devotos freqüentemente discordam, como diz Sto. Agostinho, quem, então, deveria dizer-nos o significado das palavras da Bíblia? Existe apenas um meio, indicado na segunda parte da revelação supracitada, que é a própria revelação. Não há de causar surprêsa, portanto, que êsse abalador reconhecimento da falibilidade da Bíblia viesse acompanhado de muita discussão em tôrno da possibilidade da revelação — um tema que agora enche as páginas dos jornais teológicos. "O retôrno às idéias de inspiração e revelação pode ser considerado como uma das marcantes tendências de nossa ciência bíblica da última década," disse S. V. McCasland, em um discurso presidencial na Sociedade de Literatura Bíblica, em 1953.[98] G. W. Bromiley, por seu lado, parecia estar parafraseando Doutrina e Convênios, ao escrever em 1959: "Mas, desde que as obras estão escritas segundo o Espírito, devem também ser lidas segundo o Espírito se é que se deseja que cumpram sua função primária... em outras palavras, as mentes e os corações dos leitores devem ser iluminados pelo mesmo Espírito que inspirou os escritos," embora tenha se apressado a acrescentar que "êste iluminamento não é pròpriamente inspiração."[99]

Nem é surpreendente também que se tenha reconhecido o fato de que os primitivos cristãos nunca consideraram as escrituras como seladas e completas, mas até à metade do século III, mostravam-se perfeitamente dispostos a aceitar a proposição de que poderiam ser produzidas mais



Ramsés II, Faraó do Antigo Egito, simboliza a glória de sua época.

escrituras inspiradas no futuro.[100] Um dos primeiros mártires cristãos disse, "Se há livros antigos que fortalecem a fé, por que não pode haver modernos ... ou por que deveria o presente ter menos autoridade que o passado, por causa de uma espécie de veneração supersticiosa da mera antigüidade?"[101]

A seção 91 também possui uma mensagem para os santos dos últimos dias que desejam saber porque a Igreja não reconheceu oficialmente nem adotou obras tais como os manuscritos do Mar Morto. Nós certamente os reconhecemos. Aqui está explìcitamente declarado, que aquêles que forem iluminados pelo Espírito

Os antigos povos, disciplinados pela rudeza do seu meio, deixaram registros que agora começam vir à luz.

se beneficiarão com a sua leitura. Mas assentado em base puramente intelectual, seu estudo só poderá trazer, como tem feito, interminável contenda e confusão. O Profeta foi avisado para que deixasse aquêles que quisessem ler os apócrifos, que os lessem, porém com a compreensão clara de que estão cheios de coisas preciosas mescladas com interpolações dos homens.

Essa é atualmente a condição aceita dos apócrifos e a orientação da Igreja a seu respeito tem sido sempre a mesma.

O estudo sério e completo da apócrifa, na opinião do professor Torrey, é "uma necessidade comparativamente recente."[102] E mesmo o professor Zeitlin, inimigo acérrimo dos manuscritos (do Mar Morto) acha necessário um estudo dos apócrifos "que haviam sido desprezados... pelos judeus, mas que agora deveriam ser reclamados por êles."[103]

Por causa dos novos manuscritos encontrados, "a questão inteira da canonicidade, bem como a data e fixação do Cânon terá que ser reestudada..."[104] Pois agora sabemos que a canonização pode ter considerado como apócrifa grande quantidade de escrituras genuínas.[105] Em 1957, o professor Riesenfeld "fêz explodir uma bomba" no Congresso do Nôvo Testamento em Oxford, ao declarar que alguns dos atos e ditos apócrifos de Jesus são genuínos, pois até então "o ponto de vista oposto vinha sendo mantido e, em alguns círculos, exaltado à alta posição de doutrina aceita."[106]

Em resumo, a apócrifa foi, até recentemente, um campo inexplorado. Até ao dia de hoje não "existe regularidade, mas confusão extrema," em sua classificação.[107] Reconhece-se atualmente que, "literalmente falando, não existem apócrifos na literatura judaica,"[108] que os primitivos cristãos não faziam distinção entre livros canônicos e apócrifos,[109] e que a Igreja Ortodoxa Grega nunca fêz "uma declaração formal e peremptória" sôbre o assunto.[110]

A idéia de cânon vs. apócrifa é uma invenção, ou melhor, uma convenção de eruditos, resultante de um "longo processo de esfriamento e endurecimento."[111] A classificação convencional tem sido: *cânon* (livros da Bíblia), *apócrifos* (livros encontrados em alguma Bíblia) e *pseudepígrafos* (livros nunca considerados bíblicos), mas a classificação é arbitrária e confusa. "Uma nova terminologia é necessária," diz o Professor Torrey; "...a classificação atual ... em apócrifa e pseudepígrafa é superada e desorientadora e não encontra apôio nem na história nem nos fatos presentes."[112] "Não existe distinção real entre êles," escreveu M. Gaster a respeito dos escritos sagrados judaicos "e seu tratamento nas mãos dos judeus tem sido exatamente o mesmo. Pertencem todos àquela vasta literatura... que se classifica sob o título genérico de *Midrash* ou *Midrash Agada.*"[113]

Um erudito católico de projeção indica outra razão para se rejeitar a velha distinção entre apócrifa e escritura, que é a existência entre ambas de uma coleção de escritos que, por sua antigüidade e prestígio na Igreja primitiva, não pode ser relegado ao nível dos apócrifos e, ao mesmo tempo, não pode ser considerada escritura, simplesmente porque nunca aconteceu de ter sido encadernada junto com os outros livros da Bíblia, uma "classe intermediária," como êle a chama, da qual, por embaraçoso que seja, é impossível negar a existência."[114]

O estudioso que consulta enciclopédias e manuais para aprender sôbre a apócrifa, logo se embaraça ao descobrir que não existem duas listas "oficiais" idênticas.[115] Uma autoridade considera o assunto da apócrifa suficientemente enquadrado dentro do estudo dos catorze livros apócrifos da Bíblia, enquanto que outra faria uma lista de mais de cem títulos. Por que não existe concordância? Porque parece que tudo se sobrepõe, tôdas essas obras parecem estar sempre permutando as mesmas idéias e expressões básicas entre si, e assim, logo que se determina qual dos escritos é o mais antigo, pode-se muito bem desprezar todo o resto, como mera repetição. Só há um porém: desde que todo escrito apócrifo é um composto, ninguém sabe ao certo qual seja o mais velho e quem está copiando de quem. Tomemos o caso do Livro de Enoque, o qual nos dá um bom exemplo.

Vimos que os primitivos escritores cristãos aceitavam êsse trabalho como escritura autêntica, até o século IV, quando os grandes doutôres da igreja o colocaram sob anátema, fazendo-o desaparecer completamente.[116] No começo do século XIX, uma expedição à Abissínia trouxe para a Inglaterra uma tradução medieval de Enoque para o etíope, traduzida por Lawrence para o inglês, em 1821. Em 1930, uma grande parte do livro foi descoberta em manuscrito grego entre os papiros de Chester Beatty, outro grande tesouro que confirma e corrige o texto etíope, que era muitos séculos

mais jovem. E em 1950 foram encontrados os fragmentos mais antigos de todos entre os manuscritos do Mar Morto, desta vez em hebraico, confirmando o que os eruditos há muito relutam em crer: que Enoque era, não apenas um escritor antigo, mas também hebraico.

Embora "provenha de muitos escritores e de vários períodos," seu valor reside no fato de que "alguns de seus autôres — e foram muitos — pertenceram à verdadeira sucessão dos profetas."[117]

Como ousavam tais pessoas profetizar em nome de Enoque? Tinham que o fazer, de acôrdo com R. H. Charles, porque os doutôres judeus não lhes davam outra alternativa. Êstes últimos "não podiam tolerar que houvesse mensagens novas de Deus e, assim, quando os homens eram movidos pelo Espírito de Deus a fazerem conhecidas suas visões... não o podiam fazer abertamente; mas eram forçados a usar pseudônimos para as publicações."[118]

Ainda assim, Charles mesmo reconheceu que, pelo menos parte do livro, pode ser atribuída ao próprio Enoque.[119] Afinal de contas, todos os profetas têm muito em comum em suas mensagens e a prática atualmente reconhecida de os profetas apresentarem as palavras de seus antecessores como suas, recebe sua primeira afirmação e justificação clara no Livro de Mórmon, onde Nefi explica seu costume: "... pois eu parafraseei *tôdas* as escrituras para nós, a fim de que pudessem ser-nos de utilidade e instrução." (I Nefi 19:23, versão direta do inglês.) Essa atitude interessante e peculiar que considerava os acontecimentos passados como novamente vivos na experiência presente de Israel é característica dos manuscritos do Mar Morto, mas era virtualmente desconhecida dos eruditos, antes da descoberta dos mesmos.

A complexidade das obras apócrifas não é de modo algum um sinal de fraude. O fato de que "algumas partes consideráveis do livro (de Enoque) pertenciam originalmente não à literatura de Enoque, mas a um livro anterior," isto é, o Livro de Noé, aumenta o seu valor, em vez de diminuí-lo.[120] Além do Livro de Enoque, conhecido como I Enoque e escrito em hebraico, por volta de 66 a.D., temos também uma Epístola de Enoque e um Livro dos Segredos de Enoque, ou III Enoque, escrito na Palestina antes de 70 a.D. e mais conhecido como o Livro Eslavo de Enoque.[121]

Não podemos desprezar êsses outros trabalhos com um sorrizinho, porque cada livro é uma mistura de coisas e todos êles se sobrepõem. Uma parte de I Enoque, por exemplo, parece bastante cristã e recebeu um título próprio, *As similitudes de Enoque*. "Muitos estudiosos têm sustentado que o trabalho foi interpolado por um editor cristão e, em particular, acharam que as referências ao Filho do Homem são acréscimos e as removeram."[122] Êsse é um bom exemplo de como os peritos trabalham, tirando dos textos antigos tudo que acham que alí não cabe. O I Enoque, por exemplo, apresenta paralelos memoráveis com os ensinamentos de Paulo.[123] Deveriam também essas "muitas coisas preciosas" serem removidas? Foram os manuscritos do Mar Morto que puseram fim a êsse hábito de cortar os textos, pois mostraram que essas referências ao Filho do Homem e às idéias de Paulo realmente tinham seu lugar entre os antigos escritos.

Uma relação particularmente íntima fêz-se evidente entre I Enoque e um livro muito velho denominado Livro dos Jubileus, conhecido como Lepto Gênesis ou Pequeno Gênesis, que os eruditos supuseram, anos atrás, ser um remanescente de um livro perdido de Abraão, do qual teria sido tirado o nosso Gênesis.[124] Agora, entre os primeiros pergaminhos a serem descobertos, no Mar Morto, figurou um que é realmente conhecido pelo nome de Gênesis Apócrifo, cuja parte mais extensa é chamada por seus editôres de Livro de Abraão, sendo o restante chamado de Livros de Lemech e Noé. Êsses livros estão tão ligados ao dos Jubileus, que dão "a impressão de haverem sido a fonte de onde o escritor dos Jubileus copiou."[125] O próprio Livro dos Jubileus é tão cheio de matéria cristã, que chegou a ser considerado entre os apócrifos judaicos como aquêle que representa idéias apocalípticas cristãs, "em sua forma mais completa."[126] A espantosa mistura e sobreposição de elementos judaicos e cristãos nos escritos de Enoque pareceriam ser, então, algo muito mais fundamental, como se pensou a princípio, do que uma simples reedição cristã do texto.

Um tipo de literatura apócrifa que veio à tona graças às novas descobertas documentárias, é o *testamento*. O Livro dos Jubileus foi denominado Testamento de Moisés e, agora, temos um Testamento de Abraão (em árabe e etíope, originalmente escrito em hebreu no primeiro ou segundo século); um testamento de Isaque e Jacó (em árabe e etíope); um testamento de Jó (escrito em grego por um judeu, no Egito, no século II); um testamento de Salomão (em hebraico); um testamento de Naftali, recentemente descoberto; um testamento de Isaque (cujo texto cóptico foi publicado pela primeira vez em 1958) e o importantíssimo Testamento dos Doze Patriarcas.[127] Tais escritos são denominados testamentos porque nêles, um patriarca ou um profeta antes da morte, dirigia-se aos filhos ou seguidores, dando-lhes profecias e bênçãos e predizendo o que lhes aconteceria nos dias futuros, individual ou coletivamente. Em cada caso há uma revelação geral de tôda a história humana, centralizada em tôrno de uma visão recente, na qual o ancião era arrebatado aos céus e via o cosmos e o grande plano de salvação, em sua plenitude, incluindo o conselho nos céus na criação, quando tudo teve início.[128]

O que desejamos mostrar aqui é que a primeira seção do Livro de Nefi é uma compilação dos escritos de seu pai. Trata-se, na realidade, de um livro de Lehi e segue a forma testamentária em todos os detalhes: a história das perplexidades do patriarca e suas perambulações, sua jornada aos céus e discurso escatológico, suas bênçãos e admoestações a cada um dos filhos, são completamente típicos em todos os sentidos, de tal forma, que seria perfeitamente adequado separar a primeira parte de I Nefi, da parte em que o herói conta seu próprio "reinado e ministério," chamando-a de "Testamento de Lehi," sendo como o próprio Nefi diz, obra distinta da sua. (I Nefi 1:16-17)

Quando o lemos paralelamente com os outros testamentos judaicos antigos, dá-nos uma irresistível impressão de autenticidade, que poderá algum dia ser demonstrada pelo veredito imparcial de um computador eletrônico.

Uma vez que uma parte de cada testamento trata de uma ascenção, as obras denominadas testamentos pode-

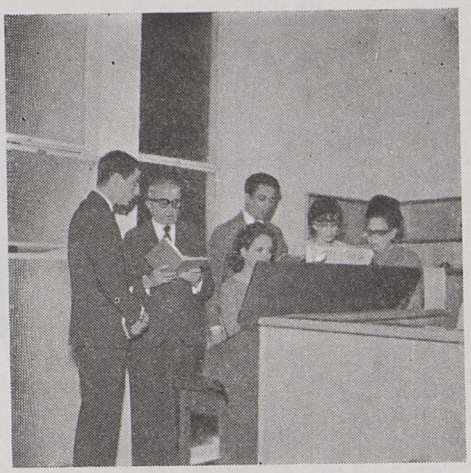
(cont. na pág. 32)

NOTÍCIAS

O grande grupo de missionários chegado à Missão Germânica Central ficou muito surprêso com o seu suprimento de material: além de livros e panfletos, cada élder recebeu uma bicicleta!

E com isso os missionários estão felizes, porque poderão pregar o evangelho a um grande número de pessoas em um período de tempo relativamente menor.

Mais três rapazes brasileiros receberam chamado para pregar o evangelho fora do Brasil. São êles: Leonel Sá Maia, do Ramo da Mooca, Werner Spörl e Oswaldo W. Spät, da Ala São Paulo IV. O Élder Leonel Sá Maia permanecerá na Missão Francesa do Leste, enquanto que os Élderes Werner Spörl e Oswaldo W. Spät pregarão na Missão Suíça. Na foto superior, vemos o Élder Leonel Sá Maia (o primeiro à esquerda) apresentando um número musical com a família, por ocasião de sua cerimônia de despedida. Na outra foto, os Élderes Werner Spörl (à esquerda) e Oswaldo W. Spät, já no aeroporto de Congonhas, momentos antes de tomarem o avião.



O irmão José de Almeida, do Ramo de Pelotas, R.S., que aparece na foto sendo cumprimentado pelo Pres. Turner foi ordenado o tricentésimo élder daquela missão. É membro da Igreja há sòmente quatro meses e devido à sua humildade e progresso espiritual, recebeu o Sacerdócio Maior em um espaço de tempo bastante curto.

O Élder Franklin D. Richards, Assistente do Conselho dos Doze Apóstolos, juntamente com a espôsa, quando aqui estêve para a inauguração da Estaca de São Paulo, também visitou a Missão Brasileira do Sul. Nas fotos abaixo, os vemos sendo cumprimentados pelo Pres. e Irmão Turner, bem como por um grupo de santos do sul.

Quando Abigail Cox nasceu, a rainha Vitória estava no trono da Inglaterra e Brigham Young era o profeta da Igreja. Essa irmã, do ramo de Stevenage, Inglaterra, está atualmente com 106 anos de idade.

É o membro mais idoso do país e o seu amor pelo evangelho é um exemplo que todo membro, jovem ou idoso, deveria acatar.

Página Feminina

CORAÇÃO FECHADO

Shirley Thulin

Capítulo I

O motorista puxou o freio do carro e, mesmo quando deu a volta para abrir a porta, Joana não se moveu. O pêso em seu coração pareceu subir até a garganta e dilatar-se. Nesse momento, enquanto o motorista abria a porta, os três últimos anos de sua vida pareceram desenrolar-se diante de seus olhos, como um melodrama, como a diferença de que não podia dar forma visual ao vilão: êle poderia ser as circunstâncias ou os desentendimentos, mas também poderia ser ela mesma. Certamente ninguém quisera magoá-la ou afastá-la da cidade onde nascera e sempre vivera. Ninguém lhe pedira para desistir do hospital: sòmente ela era a culpada de tudo.

Os ecos do saguão e dos corredores pareciam repetir-se em sua solidão e em seu coração vazio. A cidade, o hospital, as pessoas, ela mesma pareciam tão entrelaçados, que não conseguia separá-los. Passara seus anos mais felizes em Água Verde e havia ficado sensível à beleza natural dos arredores, seu grande lago e as montanhas. Como seus amigos, as montanhas a aqueciam e reanimavam. Os dias eram preenchidos com as tarefas do hospital, os domingos eram dedicados à sua classe de meninos de 10 anos. Mesmo quando sua mãe morrera e ficara sem ninguém, sentira que poderia prosseguir lutando. Havia aprendido a procurar o que a vida lhe oferecia de bom.

Olhou confusa ao redor, depois parou junto às duas malas a observar o edifício enquanto o táxi partia.

A frente era nova; a parte de trás, havia observado quando o táxi se aproximava, estava envelhecida pelo tempo. Justamente como eu, pensou; uma nova face de granito, com uma nova crença, uma nova esperança. Parecia mesmo estar rindo por causa das novas coisas que havia aprendido com a remodelação, pensou. Só que ela não estava rindo... apenas esperando...

Joana curvou-se para apanhar as malas, quando a porta abriu-se e um rapazinho saiu em direção a ela.

"Olá, chamo-me Davi. Você deve ser a sra. Moreira. Estávamos à sua espera."

"Sou a srta. Moreira, disse Joana, não pretendendo ser tão afetada. Viu, enquanto falava, que uma sombra passava pelos olhos do rapaz. Seus olhos, que refletiam amizade, anuviaram-se por um momento, entretanto, disse apenas:

"Sinto muito... quero dizer... bem, deixe-me levar suas malas. A ala das enfermeiras fica logo adiante."

Joana olhou para êle. Parecia-se muito com um rapaz que conhecera em outros tempos. Um rapaz que estivera doente por muito tempo e que muito necessitara de seu carinho e cuidados, mas que morrera, levando consigo um pouco dela mesma.

Foi depois disso que aprendera a não se dedicar tanto aos pacientes. Descobriu que deveria ser indiferente para ser eficiente... mas seu coração não estava ainda disciplinado e por isso não obedecia.

Agora, em um nôvo hospital com novas pessoas, que não a conheciam, sentia-se capaz de realizar sua tarefa sem sentimentalismos.

Davi apanhou as malas; Joana estava para dizer-lhe que não se incomodasse, mas sentia-se tão cansada e sabia que as malas estavam pesadas. É melhor deixar que o rapaz as leve, pensou.

Enquanto andava, pensou que nunca conseguira traçar a linha entre a reserva que devia manter e a hostilidade que poderia aparentar. Preciso praticar, pensou... e bastante.

"Obrigada, Davi. Gostaria que as levasse até o quarto. Vou falar com o diretor."

É a primeira porta à direita. Êle a está esperando."

Joana hesitou um momento, depois dirigiu-se à porta. Sentia-se como uma estranha invadindo os domínios de um rei. Lembrou-se de quando enfrentara, pela primeira vez, o diretor de um hospital: havia saído da escola há pouco, com um diploma na mão e o coração cheio de sonhos. Isso acontecera há dez anos, depois de muita dor no coração. Hoje ainda sonhava, mas estava atemorizada. Ouvira dizer que o dr. Nilo era muito eficiente e tido como não muito sociável. Dna. Diva, com quem trocara correspondência a respeito do emprêgo, a havia prevenido sôbre o dr. Nilo: "Êle conseguiu chegar a essa posição elevada e por isso é muito exigente."

Bem, não era isso mesmo que queria? Não havia sido cuidadosa na

escôlha de um hospital com um diretor assim? Antes de pretender a posição de chefe das enfermeiras, havia sido bastante meticulosa em suas investigações. Queria trabalhar em um hospital grande, onde os pacientes não fôssem rostos conhecidos, pálidos e súplices sôbre os brancos travesseiros. Pilares era a cidade adequada e o hospital parecia ser o que desejava... pelo menos ansiava que o fôsse.

O dr. Nilo olhou-a da cadeira onde se sentava. "Sim?" disse, enquanto ela entrava. O tom de sua voz fêz com que ficasse pouco à vontade.

"Meu nome é Joana Moreira," disse, com voz profissional. Pôde ver que êle ficara impressionado com sua atitude.

"Muito bem." Ajustou os óculos e levantou os olhos para ela. "Estive olhando a sua ficha. Você possui excelentes referências, srta. Joana, mas é muito jovem para ser..."

"Tenho tentado trabalhar bastante para conseguir uma boa ficha, mesmo com pouco tempo de serviço." Sua voz pareceu severa e estranha para ela própria.

O dr. Nilo olhou-a, estudou-a e depois sorriu um sorriso pequeno, que parecia ser o máximo que poderia oferecer.

"Bem, vejo que você fará um bom trabalho... Muito bom trabalho mesmo. Tenho algumas coisas que gostaria que a srta. estudasse. Notará que aqui em Pilares nos baseamos bastante nos livros. Não será fácil.

Joana observou o dr. Nilo; era um homem de cêrca de 40 anos, simpático, com as feições firmes e precisas. Mesmo sentado, sabia que era alto e possuía o hábito de andar sempre ereto. E, embora a perturbasse de maneira que não sabia definir, sentia ao mesmo tempo certa atração por êle. Enquanto falava, seus olhos verdes a perscrutavam, mas seu curto sorriso não se mostrou novamente.

"... e, é claro, a srta. será diretamente responsável pelas enfermeiras." O dr. Nilo terminou e dirigiu-se a ela. "Alguma pergunta?"

"Não, dr. Entendi tudo; o senhor foi bastante claro e concordou plenamente com suas regras."

"Muito bem; a srta. Ofélia vai mostrar-lhe as dependências e Davi levará sua bagagem."

"Davi já fêz isso. Obrigada."

"Ótimo." Apertou um botão em sua escrivaninha, depois voltou-se para Joana. "Diga-me, por que deixou Água Verde? Estava indo muito bem lá."

"Saí porque sùbitamente a cidade me pareceu pequena demais e alguém..." Ia dizer que alguém muito chegado a ela morrera, mas sentiu que não seria uma boa recomendação. Durante a pausa, a enfermeira Ofélia entrou.

"Dna. Ofélia, esta é a srta. Joana. Gostaria que lhe mostrasse o hospital."

"Como vai, dna. Joana? A sra. parece tão jovem para ser... quero dizer..."

"A srta. Joana tem excelente ficha de serviço e era chefe das enfermeiras do hospital de onde acaba de chegar. Estou certo de que fará bem o seu trabalho."

"Oh, sim, é claro. É que a outra chefe era tão mais velha..."

O dr. Nilo ignorou suas palavras e voltou-se para Joana. "As dependências das enfermeiras são ainda pouco adequadas. Estamos planejando construir mais um pavilhão, mas enquanto isso, a srta. terá de partilhar um quarto com outra enfermeira. Agora, com sua licença, preciso trabalhar."

A enfermeira Ofélia fêz um giro completo pelo hospital. Joana assimilou as instruções de maneira rápida e eficiente.

Tôdas as enfermeiras e médicos a quem foi apresentada eram exatamente como esperava. As enfermeiras eram de tipos diversos: havia aquelas que ainda estudavam, que pareciam acabadas de sair do ginásio; havia as mais velhas, com ares de nítida eficiência; havia ainda as causadoras de confusão, que logo distinguiu entre as outras; e havia inúmeras que pareciam não ser de nenhum dêsses tipos.

Logo mais tarde, foi apresentada ao dr. Décio Domingues. Quando Ofélia falou o seu nome, Joana mal a ouviu. Êle recebeu a apresentação sem delongas, com maneiras eficientes, mas com um sorriso nos lábios. Disse poucas palavras e saiu, dando a Joana a impressão de estar satisfeito com algo particular, pelo modo como a olhou.

À noite, Joana deitou-se e ficou ouvindo os sons da noite. Gostou da sensação do nôvo colchão. Os sons eram diferentes daqueles aos quais se acostumara a vida tôda. Os sons da cidade, a cama diferente e o nôvo hospital eram parte de sua nova vida. Adorava sua profissão.

Estava quase adormecendo quando ouviu o ruído da chave na porta. A luz foi acesa.

"Oh, você já chegou! Sou Corina de Abreu, sua companheira de quarto."

"Meu nome é Joana Moreira. Mas já são quase onze horas. Você não deveria..."

"Entrar às dez? Sim, mas perdi o ônibus e minha família teve que me trazer. E isso, você sabe, significa bastante tempo preparando lanche e coisas para eu trazer. Sinceramente, êles pensam que vou viajar mil quilômetros em vez de cem."

"Você quer dizer que sai todos os fins de semana?"

"Quase todos."

"E como consegue isso?"

"Bem, as outras enfermeiras trocam comigo. Elas precisam do dinheiro das horas extra e não se incomodam. Mamãe se preocuparia muito se eu faltasse um fim de semana."

Enquanto Corina deitava-se, Joana achou que ela deveria ser repreendida por chegar tarde. Sabia que teria de fazer algo a respeito dela sair todos os fins de semana. De repente, um sentimento de nostalgia se apossou dela. Por que? O que acontecera? Joana sabia. Eram as saudades de casa que a deixavam assim. Lembrou-se que quando Corina mencionara sua família, a nostalgia enchera seu coração. Sabia também que sentira saudades, ao ver como Corina movia-se, como falava, cheia de jovialidade e segurança. Não a segurança que vem do aprender e do viver... mas a segurança que vem da juventude e da falta de experiência.

Quando Corina deitou-se, Joana pensou em sua primeira companheira de quarto e nas conversas que tinham tôdas as noites. Bem, isso não aconteceria entre elas; sabia que as companheiras de quarto não merecem confiança: logo que conhecem nossos segredos, logo que lhes fazemos as perguntas como as que Joana morria de vontade de fazer... as esperanças e os sonhos não mais são ùnicamente nossos... não, ela dominaria sua curiosidade e sòmente observaria. Mas, sem poder dormir, as perguntas martelavam-lhe o cérebro... Seria o dr. Nilo casado? Quais as intenções do dr. Décio quando a olhou, ao sair da sala? / *Continua*

Saba*

HARRY L. GLICK

O clarão da aurora filtrava-se através da janela da pequena sala de estudo. O rabino Mordecai Green estava adormecido, com o corpo debruçado na escrivaninha, o rosto sôbre um livro aberto, e sua **yarmulke** [1] colocada displicentemente entre os tufos de cabelos brancos. Quando a claridade aumentou, o rabino mexeu-se, sua suave respiração entrecortou-se e os olhos começaram a piscar. Espreguiçou-se e iniciou um bocejo, que sua consciência desperta fêz estacar sùbitamente. Aquela figura cansada e enfraquecida pelo tempo recostou-se na cadeira. "Por que o filho de Sara? Talvez o tagarela do filho de Ana, Herschel, ou mesmo o grande cabeçudo Jacó, filho de Rhoda — mas por que Yehonatan? Pobre Sara — primeiro meu filho Davi é morto na guerra e a deixa viúva e agora seu único filho mete-se numa confusão dessas!"

O rabino tocou o tesouro bastante manuseado que lhe tinha servido de travesseiro. Era um delgado volume escrito em hebraico, e suas largas páginas, elaboradas com lindos adornos, orgulhosamente representavam algumas das maiores prosas do judaismo. Mais ou menos na metade, uma página havia sido rasgada, dobrada e unida a outra Por causa da irregularidade dessa página, o livro tinha uma tendência natural de abrir-se bem alí. Inúmeras vêzes os filhos do rabino, e mais tarde seus netos, tinham ouvido o seu amado patriarca, que lia para êles em perfeito hebraico as prosas dêsse livro favorito. Êle pensava que as crianças não notavam que sempre pulava uma determina-

A tocante história de uma família judia e de sua crescente convicção a respeito da veracidade do evangelho restaurado

da página, mas para êles era quase como um jôgo. Na realidade, seus netos tinham designado a página misteriosa de "o segrêdo de saba", fato que entre os mais jovens adquirira proporções legendárias. Agora, como êle gentilmente passasse o dedo sôbre a colagem daquela página, relembrou um incidente ocorrido há mais de 15 anos.

Uma noite, lia ao lado da cama do pequeno Yehonatan, quando a página secreta estava para ser pulada. O menino tomara o livro e saíra correndo do quarto. O rabino ficara demasiadamente surprêso para mover-se, mas a mãe de Yehonatan já saíra no seu encalço. O assoalho recém-encerado não permitira que êle escapasse e por isso sua mãe o agarrara pela gola do pijama. O livro voara de suas mãos, exceto uma parte da página secreta.

Para a mãe de Yehonatan, o som do pergaminho rasgando-se era como se o véu de um templo estivesse sendo cortado em tiras. Quando levantara a mão para dar-lhe um tapa, o rabino interpusera-se, "Por favor, não o toque, Sara. Sua curiosidade foi a causadora de tudo."

Sara mostrara-se admirada. O sogro nunca interferira na disciplina de seus netos e ela não esperara coisa diferente nesse caso particular.

Então, pela primeira vez em sua vida, percebera que o rabino tinha um grande fraco — seu filho, o especulador Yehonatan Green.

Como a memória falhava e as recordações foram sendo substituídas pelos trágicos pensamentos do presente, o rabino delicadamente guardou o livro de volta ao estôjo.

Na manhã anterior Yehonatan visitara a sala de estudo do avô, dizendo, "Saba, eu tenho duas perguntas importantes para fazer. Primeiro, no princípio n.º 3 dos 13 princípios de fé de Maimonide [2], êle declara: "Eu creio com tôda a fé que o Criador (abençoado seja o seu nome) não é um corpo e que Êle é livre de tôdas as propriedades da matéria e que não tem qualquer forma." Encontrei nove passagens em Tora [3] onde mostra-se que o Criador tem forma e corpo. Por que é que Maimonides não concorda com o Profeta Moisés? Segundo, se Deus é eterno e imutável, por que não mais fala a nós através de profetas vivos, como o fêz com os antigos? Seis milhões de pessoas do nosso povo teriam sido poupadas por Adolfo Hitler se um profeta de Deus tivesse dado o aviso. Eu simplesmente não entendo isso.

O rabino estava contente com o desafio e com a sinceridade do neto. Entretanto, um pouco mais tarde desejou não ter sido tão rápido em conceder a resposta. **"Oi** [4], que perguntas êle faz ao seu velho saba!"

Finalmente, o rabino Green chamara sua nora, relatara as duas perguntas do neto e adicionara uma outra, "Onde foi que um bom rapaz judeu aprendeu tais perguntas?"

"Eu não sei, papai, mas posso adivinhar. Por favor, perdoe-me por não lhe ter contado antes, mas não queria magoá-lo." Seus olhos tornaram-se úmi-

dos. "Yehonatan... Yehonatan quer se casar com uma cristã!"

A face do rabino empalidecera. As perguntas de Yehonatan tinham assumido enormes proporções e, apesar da longa noite de pesquisa, o velho falhara em dar as respostas apropriadas. Finalmente, adormecera com o rosto no velho santuário — o livro de prosa judaica.

Quando o rabino não desceu para o seu café da manhã, Sara sabia qual era o seu problema. Quanto mais pensava nisso, mais zangada ficava. Yehonatan, entrando despreocupadamente na sala fêz com que a serenidade de sua mãe desaparecesse. "Yehonatan, eu me envergonho de você. Sabe o que fêz? Você, com suas ridículas perguntas fêz seu avô ficar doente!"

"Mas, mamãe..."

"Não me venha com "mas, mamãe." Não é sòmente o seu avô que você magoou, mas sim o famoso rabino Mordecai Green. Quando êle tinha a sua idade, ganhava o pão diário escrevendo em hebraico nos pergaminhos da sinagoga de Tora. Aos trinta anos, havia recebido dois diplomas e era considerado um dos jovens rabinos mais promissores da geração. Só o motivo dêle ser seu avô não lhe dá privilégios especiais. Não pense que eu não sei o que está acontecendo; aquela *goya*[5] com quem tem andado está por trás de tudo isso. Ela e suas estranhas histórias sôbre um mórmon chamado Smith, que encontrou uma bíblia de ouro na encosta de uma colina." Sua voz tremeu e ela começou a chorar sentidamente.

Yehonatan passou os braços ao redor dos ombros de sua mãe, tentando abraçá-la e expulsar seu temor.

"Eu não quis contrariar saba, mas se um famoso rabino como êle não pode responder às minhas perguntas, então quem poderá?"

Conforme os meses iam passando, Yehonatan pacientemente esperava uma oportunidade de apresentar sua amiga cristã, uma jovem bela e excepcional chamada Rute, aos seus familiares. Finalmente, no seu 22.º aniversário convidou-a para um jantar em sua casa, o qual seria oferecido em homenagem ao aniversariante. Estranhamente, o instinto matriarcal de sua mãe, no qual ela confiava inteiramente, não registrou qualquer sinal de desagrado para com o objeto da afeição de Yehonatan. Suspeitando que sua intuição a traíra, consolou-se pensando, "Se a garôta não fôsse *goya,* teria sido uma boa escôlha."

Goya ou não, Rute era uma boa escôlha para Yehonatan. Entretanto, com sua contínua recusa para qualquer coisa que não fôsse "casamento eterno" num templo mórmon, criou um problema com o qual êle certamente não contava. Para êle a atitude da garôta não parecia razoável e insistiu em discutir o assunto com os pais dela.

Yehonatan ficou tremendamente espantado com o entusiasmo religioso do pai de Rute e o espanto transformou-se em admiração quando, no decorrer da conversa, o homem respondeu decisivamente às duas perguntas que haviam embaraçado saba. Êste espantoso acontecimento transformou a curiosidade em interêsse, fêz um Livro de Mórmon trocar de mãos e logo depois o neto do rabino transitava ràpidamente pela estrada da conversão.

Um dia o rabino ouviu a palavra "batismo" mencionada na mesma sentença em que se falava o nome do neto. Uma sensação de torpor apoderou-se dêle, enquanto lutava para compreender essa coisa inacreditável que acabara de ouvir. A paixão de Yehonatan para com aquela garôta já o teria feito cego para as terríveis perseguições engendradas contra os judeus em nome do cristianismo? O rabino finalmente recuperou o seu sangue frio para replicar severamente, "Que desgraça! Imagine, minha própria carne e sangue virando-se contra as tradições do nosso povo e abraçando as doutrinas de estranhos cristãos. Não mais o ouvirei. No momento em que êle começar a falar de "batismo," começaremos a falar de *Shivah*[6].

Sucedeu-se o batismo e sem compaixão para com a nora, o rabino, apesar de conter-se sôbre o temido *shivah,* disse estas palavras de advertência ao neto: "Ela e sua raça nunca o aceitarão. Êles o rejeitarão como sujeira, Yehonatan e quando isto acontecer, você virá arrastando-se de volta a nós."

A predição do rabino nunca se realizou. Logo, Yehonatan ou "Jon," como o chamavam agora, estava bastante ocupado no trabalho da Igreja, avançando ràpidamente no sacerdócio e, a pedido do bispo, dando uma aula de "Interêsse Especial" em hebreu. Sua própria noiva provou ser uma de suas alunas mais aptas.

Planejaram uma viagem a Utah e um ano depois do batismo de Jon, Rute viu lágrimas de alegria nos olhos de seus pais, enquanto ela e o neto do rabino Mordecai Green casavam-se para o tempo e para a eternidade na Casa do Senhor. Depois dessa longa jornada, retornaram ao lar e deram uma recepção na casa da noiva; entretanto, tôda a família do noivo permaneceu ausente. Três meses mais tarde Jon diplomou-se e os recém-casados fugiram sàbiamente dos conflitos de família, mudando-se para a cidade de Lago Salgado.

Jon e Rute deram o nome de Daniel ao seu primeiro filho, que era o nome do pai de saba; a sua primeira filha chamou-se Rebeca, nome da avó de Rute e seu segundo filho, Daví, nome do pai de Jon, já falecido.

Por mais de cinco anos, depois do casamento, tôdas as cartas do casal enviadas à mãe de Jon voltavam intactas, com o carimbo, "Não reclamada." Mas um dia, uma carta contendo a foto dos três bisnetos de saba foi "acidentalmente" aberta e de repente a "perseguição" acabou.

Rute, hàbilmente, evitou tôdas as informações pedidas pela sogra sôbre a saúde e finanças de Yehonatan e seus filhos. Em lugar disso, enviou uma passagem de trem com o convite, "Venham e vejam por si mesmos." O plano funcionou maravilhosamente bem e logo o rabino também foi envolvido. Êle recusou-se a considerar até mesmo o convite e aconselhou a nora a cessar tôda a correspondência.

Mais dois anos se passaram e o tempo anunciava que a idade ia avançando; a pressão do rabino tornou-se delicada e êle necessitava de bastante cuidado. Um ataque de coração, mais ou menos grave, prendeu-o num hospital por mais de um mês e naquele ponto a mãe de Jon resolveu tomar uma decisão: resolveu que o rabino deveria ir conhecer sua posteridade. Usando da lisonja, o ponto fraco do velho, disse, "Papai, sei como se sente por Yehonatan ter-se casado com uma cristã, mas o senhor acha que um homem com a sua capacidade deveria decidir um caso sem examiná-lo por si mesmo?"

O rabino e a mãe de Jon chegaram a Lago Salgado numa noite de segunda-feira do mês de junho.

Na têrça, Rute atraiu a sogra para uma reunião da Sociedade de Socorro e depois disso ela chamou tal sociedade de "*Hadassah*[7] sem fumar." O Livro de Recordações de Jon, ainda bastante fino, foi mostrado e quando sua mãe o viu foi "fisgada." Na verdade, não parou de falar nêle.

O rabino adorou os anfitriões, que não serviam alimentos que fôsse contra o preceito judaico, mas ficou meio aborrecido quando a sua favorita xícara de café não veio. Na sexta-feira à noite saba e a nora assistiram os serviços da sinagoga local e depois de muita persuasão, finalmente o rabino concordou em assistir as reuniões dominicais da Igreja de Cristo com ela.

Assim, o rabino Mordecai Green encontrou-se numa aula da Escola Dominical Mórmon e, embora se sentisse com um estranho, estava disposto a "ver por si mesmo."

Conforme os vários membros da classe entravam, Rute os identificava aos hóspedes. "Há um grande número de visitantes hoje aqui, por isso não conheço todos os presentes, mas lá está o nosso bispo, o irmão Hanson. Êle administra uma fábrica de laticínios para ganhar o pão de cada dia. O homem baixo ao seu lado é o irmão Ulrich, primeiro conselheiro do bispo. Êle é mecânico. Aquêle de terno cinza é o irmão Clive, o secretário da ala. É o empreiteiro que construiu nossa casa. E aí vem o segundo conselheiro do bispo. Nesse momento entrava Yehonatan Green! Agora o rabino entendera que a Igreja devia ter um ministério não pago.

A lição a ser dada falava sôbre a segunda vinda do Messias. Jon sabia o quanto saba se preocupava com isto, considerando-a como a "primeira vinda" e por isso gostaria de ver sua reação.

Devido à lição ter começado com referência ao Nôvo Testamento, o rabino teve pouco interêsse nas escrituras mencionadas e nas suas interpretações. A lição continuou tranqüila até a metade, quando os eventos a se darem nos últimos dias na Terra Santa foram mencionados na lição. Então aconteceu: o professor, numa tentativa para fazer com que os membros meio sonolentos participassem da aula, fêz uma pergunta, que embora de acôrdo com a lição, soou como um trovão aos ouvidos do rabino. "O que vocês sabem a respeito dos judeus?"

A pergunta fêz com que vinte mãos fôsse levantadas e o rabino deu uma olhada para a mãe de Jon e afirmou friamente, "Agora vamos ver o que êsse *irmãos* de Yehonatan Green realmente são!"

O grande número de mãos levantadas tornou difícil ao professor determinar a ordem das respostas. "Irmã, parece que a senhora foi a primeira."

"Tenho certeza de que todos sabem que o mundo inteiro tem uma dívida de gratidão para com o povo judeu por ter-nos dado a Bíblia. Em referência a isto, o Livro de Mórmon diz, "... e que agradecimento darão aos judeus pela Bíblia que receberam dêles?... Lembram-se êles das viagens, dos trabalhos e das aflições dos judeus e de sua diligência para comigo em levar a salvação aos gentios?" (2Nefi 29:4) Em adição à Bíblia, os feitos de um compositor como Mendelssohn, de um estadista como Disraeli e de um cientista como Einstein fazem-nos compreender quantos talentos o povo judeu tem dado ao mundo."

Para o rabino foi difícil esconder sua surprêsa a tão favorável resposta.

O professor continuou, "o senhor, na frente, acho que era o seguinte."

Era um homem alto e simpático, de cabelos grisalhos. "Meu nome é Roberto Wirick. Gostaria de tomar parte na discussão.

"É minha crença sincera que os judeus têm um talento hereditário para os negócios, o qual vem desde Judá, que sugeriu vender seu irmão José como escravo."

Rute olhou para o marido. Êle por sua vez, observou que o "conhecido" sorriso de seu avô aparecera-lhe nos lábios e um Livro de Recordações estéril e incompleto lhe veio à mente. E compreendeu que a sorte de seus ancestrais seria decidida ali, naquela classe.

Um murmúrio tomou conta da sala com a afirmativa do visitante, mas o professor sàbiamente apontou para o bispo, o qual respondeu com amabilidade, "Acho que o senhor talvez esteja um pouco confuso com respeito à história israelita. Deixe-me ajudá-lo, lendo uma escritura sôbre a reunião de José com os irmãos no Egito:

"E disse José a seus irmãos: Peço-vos, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então disse êle: Eu sou José, vosso irmão, quem vendestes para o Egito.

"Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pezes aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face.

"Pelo que Deus me enviou diante da vossa face, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento.

"Assim não fostes vós que me enviaste para cá, senão Deus, que me tem pôsto por pai de Faraó e por senhor de tôda a sua casa e como regente em tôda a terra do Egito." (Gen. 45:4-5, 7-8)

Quando o bispo sentou-se, Jon olhou para o avô e então foi sua vez de sorrir. O rabino estava completamente confuso. Não havia esperado tal defsa, que além disso tinha sido feita tão bem e com tanta amabilidade, não ferindo os sentimentos de ninguém.

Novamente a mão do visitante estava levantada, "O que o senhor diz pode ser verdade, bispo, mas todos os judeus que conheci realmente não deixam passar nada onde quer que se encontrem."

Pequenas gôtas de suor começaram a aparecer acima do lábio superior de Jon.

Um outro membro da classe manifestou-se. Era Ralph McEntyre, um jovem médico esperto e conciso. A história bíblica era o seu passatempo. Abriu um pequeno bloco de fôlhas soltas que sempre trazia consigo e dirigiu-se à classe: "O Sr. Wirick acaba de mencionar um ponto bem interessante com respeito aos hebreus. Todavia, antes de seguirmos adiante, devíamos definir exatamente o que na realidade é um hebreu."

Jon pensou notar certa entonação humorística na voz do médido, mas sua expressão continuava a mesma. "O nome *hebreu* provém da palavra hebraica *ibri* (que se pronuncia *iv-ri*), a qual combina a raiz preposicional *eber*, com o sufixo *i*, formando o substantivo.[8] A primeira referência nas escrituras sôbre a palavra *hebreu* aparece em Gênesis 10:21, onde o nome *Eber* foi aparentemente usado para identificar a região ocupada pelo povo que descendia de Sem através de seu bisneto Éber. Em Números 24:24 Éber (Heber) aparece outra vez como o nome de um lugar.

"Desde que estamos discutindo povos e não lugares, examinemos a genealogia do homem Éber; os estudiosos da Bíblia e os críticos igualmente concordam em ser êle o pai eponímico dos hebreus. Encontramos em Gênesis: 'Estas são as gerações de Sem: Sem era da idade de cem anos quando gerou a Arpaxade, dois anos depois do dilúvio.

'E viveu Arpaxade trinta e cinco anos e gerou a Selá;

'E viveu Selá trinta anos e gerou a Éber;' (Gen. 11 10,12,14)

"Logo adiante, em Gênesis, Abraão, o tataraneto de Éber é especificamente referido como *Abraão, o hebreu* (Idem 14:13). Abraão gerou a Isaque, Isaque a Jacó, a quem o Senhor chamou de Israel.

"A posteridade dos doze filhos de Jacó foi referida como israelita; entretanto, o primeiro Livro de Samuel claramente designou-os como hebreus (Veja I Sam. 4:5-6; 13:3-4)

"Sem dúvida Judá e sua posteridade, os judeus, são hebreus, mas e sôbre José, o filho de Israel? Em Gênesis está registrado em duas ocasiões distintas onde a espôsa de Potifar refere-se a José como a um hebreu, (Gên. 39:14,17) e o servo do faraó descreveu-o ao governador do Egito como se segue: 'E estava alí conosco um mancebo hebreu, servo do capitão da guarda e contamos-lhe e interpretou-nos os nossos sonhos, a cada um interpretou conforme o seu sonho.' (Idem 41:12)

"José, o hebreu, teve dois filhos bastante conhecidos, Efraim e Manassés. Gostaria que levantassem a mão os membros da classe que são da tribo de Efraim."

Quase todos levantaram a mão. Com a alegria e a vivacidade demonstrando-se-lhe pelos olhos, o médico virou-se para o visitante: "Sr. Wirick, todos êsses membros com as mãos levantadas são judeus legítimos. Agora que sabe que não nos pode convencer, por que não se junta a nós?"

Alguns riram, outros sorriram. Yehonatan parou de transpirar, mas sua mãe estava bastante preocupada. Uma olhadela à face do rabino fê-la adivinhar que êsses mórmons o haviam afetado sèriamente. Seria razoável se os responsáveis por isso fôssem teólogos famosos, estudiosos da bíblia ou mestres de Tora. Mas encontrar tal entendimento entre fazendeiros, médicos, mecânicos e empreiteiros era inconcebível!

O rabino estava bem ciente de que ouvira comentários sôbre aquilo que todo o seguidor do judaísmo deve saber.

O mais difícil de ser entendido era saber porque êsses cristãos procuravam deliberadamente relecionarem-se com os judeus, quando cada vinculação significaria dificuldades.

O Sr. Wirick pareceu ter perdido o entusiasmo temporàriamente e sentou-se em silêncio, enquanto um outro membro da classe lia em Isaías: "E levantará um pendão entre as nações e ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra.

"E desterrar-se-á a inveja de Efraim, e os adversários de Judá serão desarraigados: Efraim não invejará a Judá e Judá não oprimirá a Efraim." (Isa. 1:12-13)

Algo foi falado e isso fêz o visitante despertar. Sem esperar ser chamado, levantou-se e desafiou o grupo: "Caros amigos, não sei de onde estão tirando essas escrituras, mas morei numa vizinhança judia e eu os conheço muito melhor do que vocês todos. Ora, se os missionários converterem grande número de judeus, êles tomarão conta da Igreja Mórmon!"

"Um momento, por favor." O irmão Ulrich, levado por uma justa indignação, postou-se de pé. "Sr. Wirick, como cristão, parece que o senhor esqueceu-se de algo; gostaria de ler uma passagem bem clara nas escrituras." Abrindo ràpidamente a bíblia e com um pouco de sotaque alemão leu esta significativa passagem: "E tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém.

"Dizendo, onde está aquêle que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrêla no oriente e viemos a adorá-lo." (Mat. 2:1-2)

Quando o irmão Ulrich terminou de ler, olhou para cima e com naturalidade acrescentou, "Sr. Wirick, parece que o seu aviso chegou dois mil anos atrasado."

O rabino Green estava completamente estupefato. Nem mesmo na profundeza de sua imaginação poderia ter concebido uma situação como aquela. "Quem são os mórmons? Que tipo de cristãos são êsses que destemerosamente levantam suas insígnias contra o prejuízo dos séculos, para descansar sem vacilar ao lado do leão — o estandarte de Judá? Quem são êsses nobres valentes? Com a espada da sua voz eliminaram a amargura de dois milênios e fizeram luzir dentro do meu peito uma luz brilhante.

"O que estará acontecendo a mim? Essa gente é estranha, mesmo assim eu a conheço! Êles são diferentes, mesmo assim eu os entendo! Será realmente possível que o bravo boi de Efraim continue sendo enaltecido nos seus escudos? E se essas grandes almas são apenas de seguidores, como não serão seus líderes?" O rabino tinha mêdo de responder a si próprio e mesmo assim orou para que as impressões daquele dia nunca terminassem. "Por favor, que isto não seja apenas o tôlo sonho de um velho!"

À medida que sua atenção retornava vagarosamente à classe, ouviu o professor dizer: "Desculpe, mas não perguntei se temos mais visitantes." Jon levantou-se, dizendo, "Gostaria que o meu avô se apresentasse à classe."

O ancião pegou na mão do neto, o qual ajudou-o a ficar em pé, e disse orgulhosamente, "Sou o rabino Mordecai Green, da Congregação B'nai Yehudah."[9]

O sinal tocou, uma oração foi oferecida e a aula terminou.

Aquêle havia sido um bom Sábado e a família de Jon foi dormir mais cedo. Se o seu sono fôsse mais leve, talvez tivessem ouvido os movimentos irriquietos do rabino, enquanto ponderava sôbre o dia mais estranho de sua vida; mais tarde, ouviriam também o som suplicante de suas intensas e humildes orações. Teriam testemunhado a transformação de um homem e seu olhar maravilhado quando se ergueu — o súbito despertar do seu espírito faminto lutando por desprender-se da escuridão das falsas tradições, para finalmente irromper, exausto mas triunfante, à plena claridade do dia.

A hora do café da manhã já havia passado e o rabino não aparecera.

Jon, notando a ansiedade da mãe, silenciosamente entrou no quarto de hóspedes e sorriu ternamente com o que via: O rabino, com a *yarmulke* na cabeça, estava pacìficamente adormecido com a face pousada sôbre um livro aberto. Jon deu alguns passos para acordá-lo, mas de repente parou.

Seu livro de prosa hebraica estava aberto no chão.

Jon fêz uma longa pausa, depois apanhou-o e finalmente soube o segrêdo da página emendada. Escrito em hebraico bíblico, o trágico lamento de um antigo poeta judeu traduzia-se em perguntas sem resposta, as mesmas perguntas que haviam sido enterradas bem no fundo de cada coração judeu desde a destruição de Jerusalém:

"Serei feito de ferro? É a minha carne feita de aço para poder suportar essa opressão?

"Sinto-me exausto de exílio e escravidão. Estou cansado de ver as nações destratarem-me de todos os modos. Quando escarnecem, dizendo, *'Onde está a Rocha da sua salvação? Por que Êle não estende os braços para ampará-lo?'* tenho vontade de esconder minha face na terra."[10]

O rabino não queria que seus filhos ouvissem essas perguntas enquanto êle próprio não as pudesse responder.

Com lágrimas nos olhos, Jon gentilmente colocou o livro novamente no chão, como o havia encontrado e compreendeu que algo acontecera por ali. Por que o precioso livro do rabino estaria displicentemente no chão e qual volume teria tomado o seu lugar sôbre a escrivaninha? Jon aproximou-se sem fazer barulho. A cabeça de saba encobria todo o livro, exceto uma parte; mas essa pequena parte revelou a Jon que seu avô não mais repetiria o lamento daquele poeta, pois que na página aberta do livro qualquer um poderia ler claramente e sem enganos as seguintes palavras: "Eu, Nefi, tendo nascido de boa família..."

---

* Pronuncia-se *sah'ba*, um afetuoso têrmo judaico que significa "avô."

1. Um tipo de boina usado em casa pelos ortodoxos e judeus conservadores.
2. Credo de Maimonides — o mais conhecido sumário das crenças ortodoxas judaicas.
3. "A Lei" — consistindo de Gênesis, Êxodus, Levíticos, Números e Deuteronômio.
4. Puxa!
5. Têrmo hebreu que significa gentio ou não-judeu.
6. Lamentos funerários, executados para os que são dados como mortos.
7. Organização auxiliar feminina judia.
8. Da enciclópedia judaica.
9. Filhos de Judá.
10. De Benjamin ben Zerah, poeta medieval judeu.

"Cantai ao Senhor..."

Um cântico nôvo eleva-se ao Senhor, nas montanhas de Sião. Ao som do grande órgão de tubos, juntas erguem-se as vozes harmoniosas do Côro do Tabernáculo enviando ao mundo sua mensagem de fé e inspiração.

Neste dia particular, entretanto, há um cântico nôvo, uma nota diferente e cálida, uma vibração estranha na voz do grupo tradicional.

Um nôvo coração pulsa emocionado ao movimento da batuta do maestro, cantando hosanas em uníssono com os demais, num estupendo hino ao Pai Eterno e essa nova voz acrescentada ao conjunto, pertence a um brasileiro...

Claudio M. Santos é o "nosso homem em Sião", representando o Brasil entre os 375 componentes do Côro, com seus cabelos prematuramente grisalhos e sua fisionomia amável. Semanalmente, às primeiras horas de cada domingo, ainda que o não saibam, os lares norte-americanos que há 35 se abrem para ouvir o programa radiofônico do Tabernáculo, estão sendo visitados por uma voz do Brasil que se mescla às de muitas outras nações, tribos e línguas, no louvor que os santos erguem a Deus, acompanhando o magestoso órgão e a inspiradora palavra do apóstolo Richard L. Evans.

Que emoção nova e diferente hoje nos empolga ao ouvirmos o conjunto magnífico! É como se estivéssemos participando, nós mesmos, no seio daquele grupo, fazendo vibrar a cúpula secular do tabernáculo com as vozes do Brasil.

Um brasileiro no Côro representa-nos a todos, nos louvores que entoa ao Criador. Em sua voz vibram os nossos próprios sentimentos e a Pátria querida se expressa por seu intermédio. O cantar dos ventos desenfreados que galopam pelas campinas do sul, o estridor das cachoeiras a rouquejar no sertão, o farfalhar das palmas dos coqueiros, a voz do mar despedaçando-se em branca espuma nos rochedos, e acima de tudo, o coração do povo, com seu cantar ora saudoso e triste, ora alegre e despreocupado, tudo alí se lembra e representa: É o Brasil que canta ao Senhor na voz de seu intérprete na grande assembléia.

Hoje, mais que nunca, uma visita ao Côro do Tabernáculo é programa obrigatório para todo brasileiro que passar pela cidade do Lago Salgado. No seio daquela maravilhosa congregação há alguém fazendo por nós o que as escrituras têm determinado há séculos: "Cantai ao Senhor um cântico nôvo."

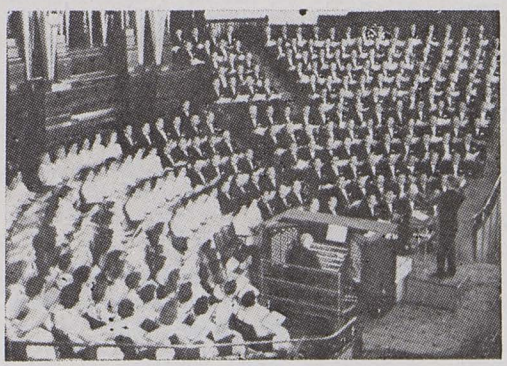


Foto tirada por ocasião de uma apresentação do Côro do Tabernáculo.

(cont. da pág. 22)

riam ser, como de fato o são algumas vêzes, chamadas *Ascenções*. Já mencionamos o valor peculiar da Assunção (ou Ascenção) de Moisés, para a determinação da natureza do grupo dos Manuscritos do Mar Morto.[129] Os Testamentos de Abraão e Isaque também foram denominados Assunção de Abraão e Isaque. Só para dar uma idéia de como as coisas podem complicar-se, a Ascenção de Moisés começa com uma seção que também é denominada Testamento de Moisés, escrito em hebraico, bem no início do século I. Três vêzes é citada como escritura no Nôvo Testamento (Atos 7:36 e Judas 16,18), bem como por antigos escritores apócrifos e Padres da Igreja.[130] Existe uma Ascenção de Isaías (também denominada Testamento de Isaías), que parece tão cristã que Torrey a declarou "uma composição inteiramente cristã," embora admitindo que seria muito difícil afirmar se era cristã ou não.[131] Graças aos Manuscritos do Mar Morto, entretanto, o veredito de Torrey deve ser repelido e a Ascenção de Isaías deve ser agora classificada, de acôrdo com Flusser, juntamente com os Jubileus, o Livro de Enoque e os Doze Patriarcas, que se fundem em um só conjunto.[132]

Considerando-se que as profecias encontradas nos "testamentos" são tôdas de natureza apocalíptica, êsses trabalhos podem ser denominados Apocalípses — mais uma vez, mera questão de conveniência. O Apocalípse de Moisés, de Baruch, Sofonias, Daniel, Abraão e de Elias (conhecido pela primeira vez em 1899), foram todos considerados sérios, pela primeira vez na passagem do século, mas como aconteceu com os outros apócrifos, sòmente agora estamos começando a entender seu verdadeiro significado, sendo que os dois últimos são particularmente importantes.[133]

São livros relacionados entre si: III Baruch, as Obras Inéditas de Jeremias (por um judeu do século II ou por um cristão do século III ou IV),[134] um livro dos Segredos de Moisés com comentários, e uma história samaritana sôbre a morte de Moisés.[135] Trabalhos pseudo-históricos importantes são os livros das Vidas dos Profetas, o Livro de Melquisedeque, a Oração de Manassés, a História do Segrêdo dos Filhos de Israel (atribuída a Jeremias).[136] Nenhum dêstes pode ser condenado inteiramente, mas cada um há de ser julgado por seus méritos como um todo e depois, em suas partes. Nunca se sabe onde um item autêntico e valioso pode aparecer, como no recentemente encontrado Livro de Josué, em árabe, contendo muitas coisas não encontradas em nossa Bíblia, que pode, entretanto, ser conferida com outras fontes mais antigas.[137]

De interêsse para os santos dos últimos dias é o Livro de Jasher, cuja primeira tradução inglêsa foi publicada em Salt Lake City. "Deve haver pouca dúvida de que o Livro de Jasher fôsse um épico nacional," de acôrdo com Cyrus Gordon; contudo, quanto dêsse livro pertence realmente ao original? Diz êle: "Chegou a hora de fazermos uma nova investigação de tais fontes genuínas de Escritura, particularmente contra o fundo histórico dos Manuscritos do Mar Morto."[138]

Um bom exemplo do problema dos apócrifos é oferecido pelo famoso Testamento dos Doze Patriarcas. Completamente negligenciado até recentemente, êsse trabalho foi trazido à luz por Robert Grosseteste, Bispo de Lincoln, no início do século XIII, o qual pensou que fôsse uma obra cristã, incluindo-a nas páginas da Patrologia.[139] Recentemente, apareceram dois livros sôbre os Doze Patriarcas, um dos quais declarou-o obra cristã, "que não pode mais ser incluída na literatura pseudográfica do Velho Testamento. Devem ser classificados entre as produções literárias da primitiva Igreja Cristã."[140] O outro autor chegou à conclusão oposta, de que a obra "não possui interpolação cristã de qualquer importância,"[141] concordando, assim, com o veredito de Charles, de que se tratava de um escrito judaico que havia tido "muita influência... sôbre a linguagem de nosso Senhor e do Nôvo Testamento."[142] Isso ilustra como o intérprete pode editar uma obra para satisfazer a si mesmo; neste caso, um grupo de peritos opina que o material cristão existente nos Doze Patriarcas é uma "interpolação," enquanto que o outro, com igual convicção, explica as passagens como "empréstimos" que os cristãos sacaram aos judeus. Os Manuscritos do Mar Morto parecem favorecer a última interpretação.

(Continua no próximo mês)

●

Tenha êste pensamento como lema: quando o Senhor ordenar, cumpra.
Profeta Joseph Smith.

NOTAS

73. M. Greenberg, em *Journal of the American Oriental Society*, 76(1956) págs. 57-167.

74. A maior das conexões são tratadas abaixo. Sôbre as afinidades caraítas, consultar W. Wiedner em *Jewish Quarterly Review*, 47(1956/7) págs. 96/103.

75. Vide A. Dupont-Sommer em *Numen*, II/3(1955) pág. 168.

76. A. Dupont-Sommer, *The Dead Sea Scrolls* (New York: Macmillan 1952) pág. 96. F. M. Cross usa palavras quase idênticas: "...uma cascata de avanços revolucionários," em *Christian Century*, agôsto 3,1955, pág. 889. O pequeno mundo da cultura bíblica tem sido revirado pelas descobertas, para dizer pouco..." Cross, em *The Biblical Archaeologist*, fevereiro de 1954, pág. 4.

77. G. Graystone, em *The Catholic World*, 183 (abril de 196) págs. 11/15; A. Metzger, em *Biblica*, 1955, pág. 481; G. Molin, *Die Sohne des Lichts* (Viena: Herold, 1954), pág. 186. "Que o trabalho de Cristo seja um aperfeiçoamento recente, é uma questão que não tencionamos discutir aqui. Essencialmente, na verdade, carece de interêsse." *The Pope Speaks*, 1955, pág. 212.

78. J. M. Baumgarten, em *Tradition*, 1(1958), págs. 209/226; S. Zeitlin, em *Jewish Quarterly Review*, 42(1952) pág. 150; 46(1955/6) pág. 215 e com freqüência nesse periódico, do qual é editor, denuncia a fraudulência dos Manuscritos. T. Weschler em *Jewish Quarterly Review*, 43(1952) pág. 139 clama que os Manuscritos são composições curdas do século XII a.D.! "A primeira reação de muita gente," com respeito ao Rôlo de Cobre, "foi rebaixá-lo a conto de fadas," segundo J. M. Allegro, em *The Treasure of the Copper Scroll* (New York: Doubleday, 1960) pág. 56.

79. "O Manuscrito de Isaías foi recebido com consternação em alguns círculos." e quando outros textos do Velho Testamento foram lidos, "os resultados foram chocantes." F. M. Cross, em *Christian Century*, 10 de agôsto de 1955, págs. 920/21. "Há ainda um certo boicote. por parte dos estudiosos do Nôvo Testamento, com respeito aos Manuscritos do Mar Morto..." W. F. Albright. em *Journal of Bible and Religion*. 31(1961), pág. 112. O Gênesis Apócrifo, "durante sete anos... foi mudado de lugar para lugar, sem que lhe

fôsse dispensado qualquer cuidado," Y. Yadin, *A Genesis Apochiphon*, pág. 12.

80. Y. Yadin, op. cit., pág. 7.

81. J. P. Hyatt, em *Journal of Biblical Literature*, 76(1957) pág. 11.

82. C. Torrey, *The Apocriphal Literature* (New Heaven: Yale University, 1945) pág. 40.

83. Uma lista de 25 passagens apócrifas encontradas em nossa Bíblia é mencionada por Torrey, op. cit., pág. 18.

84. Assim Atanásio, ou um contemporâneo seu, rejeita Rute e Ester, *Migne, Patrologia Graeca*, 28:289. Sulpicius Severus, em *Historia Sacra* II, 31, diz que muitos cristãos não aceitam o livro de Apocalípse e Philastro diz que há uma grande controvérsia na Igreja, sôbre quem escreveu as várias epístolas do Nôvo Testamento, *Migne, Patrologia Latina*, 12:1200-2.

85. Torrey, op. cit., pág. 4.

86. R. H. Charles, *The Book of Enoch* (Oxford, 1912) p.ix.

87. D. Flusser, em *Israel Exploration Journal*, 3(1953), p. 39; K. Aland, em *Journal of Theological Studies*, 12(1961), p. 48, para judeus e cristãos.

88. *Apostolic Constitutions*, I, 16; Eusebius, *Church History*, IV, 8,1.

89. Sto. Agostinho, em *Patrologia Latina*, 35:1536.

90. H. J. Denzinger, *Enchiridion Simbolorium Definitionum...* (Roma 1957), vide referências sob *IF*, (pág. 9), no *Index Systematicus*.

91. Torrey, op. cit. pág. 5.

92. Idem, pág. 36/37.

93. Idem, pág. 40.

94. V. Taylor em *Expository Times*, 71(1960), pág. 72.

95. L. Wallis, em *The Bible and Moderns Belief* (Duke University Press, 1949), pág. 32.

96. Padre Herbert, citado em *Expository Times*, 70(1958), pág. 33. Cf. com *The Catholic Biblical Quarterly*, 5(1943), págs. 115/159.

97. H. Davies e D. Daube, *Eschatological Background of the New Testament* (Cambridge, 1956), pág. 18f.

98. S. V. McCasland, *The Journal of Biblical Literature*, 73(1954), pág. 6.

99. G. W. Bromiley, em *Christianity Today*, 4(1959), p. 139.

100. W. van Unnik, em *Vigiliae Christianae*, 3(1949) págs. 1/4.

101. Martírio de Perpetua e Felicitas, em *Patrologia Latina*, 3:15.

102. Torrey, op. cit., p.v.

103. S. Zeitlin, em *Jewish Quarterly Review*, 37(1946/7), pág. 248.

104. J. P. Hyatt, em *Journal of Biblical Literature*, 76(1957) pág. 6.

105. H. Cadbury, em H. Davies e D. Daube, op. cit. pág. 319.

106. *Expository Times*, 70(1958), pág. 129.

107. Torrey, op. cit., pág. 28. "Não é possível fazer-se uma classificação," segundo M. Oesterley, *An Introduction to the Books of the Apochripha* (New York: Macmillan, 1935), pág. 9.

108. M. Gaster, *Studies* (1925), I, 280f.

109. W. Schneemelcher & E. Hennecke, *Neutestamentliche Apokryphen* (Tübingen, 1959), I, 1-4,8-10.

110. Torrey, op. cit., pág. 34.

111. G. A. Deissmann, *Light from the Ancient East*, (Nova York, 1927) pág. 251.

112. Torrey, op. cit., pág. 10.

113. Gaster, op. cit., I, pág. 281.

114. J. Ruwet, em *Biblica*, 25(1944) pág. 334.

115. Além dos artigos sôbre os apócrifos em quase tôdas as enciclopédias, uma lista representativa dos apócrifos do Nôvo Testamento poderá ser encontrada em B. Altaner, *Patrology*, (Nova York, Herder, 1960) e especialmente E. Hennecke & Schneemelcher, *Neutestamentliche Apokryphen* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1959), edição da qual sòmente publicou-se o volume I. Listas dos Apócrifos do Velho Testamento foram publicadas por R. Travers, *Talmud and Apocrypha* (Londres: Soncino Press, 1933) pág. 173f; H. H. Rowley, *Relevance of Apocalyptic* (London: Lutterworth, 1944); S. Zeitlin, em *Jewish Quarterly Review*, 37 (1946/7), págs. 218/248 e 40(1949/50), págs. 223/250; A. Cronbach, em *Hebrew Union College Annual*, 18(1944), pág. 119f. As coleções "padrão" de apócrifos em inglês são de R. H. Charles, *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament* (Oxford 1953) e M. R. James, *The Apocryphal New Testament* (Oxford, 1953).

116. Vide nota 86.

117. R. H. Charles, *The Book of Enock*, p.x.

118. R. H. Charles, *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, II, pág. viii; cf. H. H. Rowley, *Relevance of Apocalyptic*, pág. 38; D. Flusser, em *Israel Exploration Journal*, 3(1953) pág. 39 f.

119. Vide seu artigo sôbre apócrifos na 11ª edição da Enciclopédia Britânica, I, 176.

120. Discutido minuciosamente por R. H. Charles, *The Book of Enoch*, págs. xlvi-lii. Charles discute as várias conjecturas discordantes sôbre a natureza do trabalho. págs. xxx-xlvi.

121. G. N. Bonwetsch(ED.) em *Texte und Untersuchungen*, 3. Reihe, 14.Bd., Heft 2 (Leipzig, 1922) incluindo o texto eslavo. *The Epistle of Enoch* está contida nas seções 97:6 a 98:3 de I Enoque. Alguns fragmentos em grego foram descobertos em Akhmim em 1886/7, sendo publicados por U. Bouriant, em *Mission Archeologique Française au Caire*, IX, facsímile i, 1892, págs. 93/147. A versão hebraica de III Enoque foi editada por H. Odeberg, *III Enoch* (Universidade de Cambridge, 1928) e há um texto em *Jewish Quarterly Review*, 20(1929f), págs. 77/85 e também W. R. Morfill, *The Book of the Secrets of Enoch* (Oxford) 1896).

122. H. H. Rowley, *Relevance of Apocalyptic*, págs. 56/7.

123. B. Brinkmann, em *Biblica* 13 (1932), págs. 315/34, 418/34. As igrejas primitivas, embora rejeitassem até obras já estabelecidas, como o Pastor de Hermas, aceitavam Enoque como escritura, J. Ruwet, op. cit. pág. 333.

124. D. Flusser, *Israel Exploration Journal*, 3(1953), pág. 30f; Cf. S. Zeitlin, em *Jewish Quarterly Review*, 30(1939f), págs. 1/31; A. Epstein, em *Revue des Etudes Juives*, 21(1890), págs. 80/97 e 22(1891), págs. 1/25.

125. Y. Yadin, *A Genesis Apocryphon* (Jerusalém, 1956) pág. 21.

126. C. Clemen, *Primitive Christianity and Its Non-Jewish Sources* (Edinburgo, 1912), pág. 118.

127. M. R. James, *The Testament of Abrahan*, em *Texts and Studies*, II, 2; *Testament of Job*, texto publicado em *Jewish Quarterly Review*, 13(1901), págs. 111/27; e 258f.; *Testament of Solomon*, texto publicado em *Jewish Quarterly Review*, 11(1898), págs. 1/45; *Testament of Levi*, texto publicado em *Jewish Quarterly Review*, 12(1900), pág. 651f. O texto em grego do *Testament of the Twelve Patriarchs* poderá ser encontrado em *Patrologia Graeca*, 2:1027-1150. O texto cóptico do *Testament of Isaac*, recentemente encontrado, acha-se em *Journal of Theologic Studies*, 8(1957), págs. 228/37.

128. O assunto é tratado abaixo.

129. Vide artigo anterior, publicado em junho/66.

130. H. H. Charles, *Apocrypha & Pseudepigrapha of the Old Testament*, II, 407.

131. C. Torrey, *Apocryphal Literature*, pág. 14.

132. D. Flusser, op. cit., pág. 30f.

133. Apocalípse de Moisés, texto publicado em *Jewish Quarterly Review*, 7)1894), págs. 216/235; *Apocalypse of Elijah*, texto cóptico, ed. G. Steindorff, em *Texte und Untersuchungen*, N. F. II(XVII); texto em hebraico, M. Butterweiser, *Die Hebraisch Elias-Apokalypse* (Leipzig, 1897) e S. Kraus, em *Jewish Quarterly Review*, 14(1902) pág. 359f.; *Apocalypse of Abraham*, texto publicado em *Jewish Quarterly Review*, 7(1895), págs. 581/606; *Apocalypse of Sophonia*, texto publicado em *Texte und Untersuchungen*, N. F. II, 3ª, 1899 (Ed. Steindorff).

134. F. Stegmüller, *Repertorium Biblicum Meddi Aevi* (Madrí), I, nº 114.

135. M. Gaster, *The Asatir, The Samaritan Book of the "Secrets of Moses,"* etc. (Londres: Royal Asiatic Society, 1927).

136. Textos sôbre *A vida dos Profetas*, o *Livro de Melquisedeque* e *A Oração de Manassés* poderão ser encontrados em *Patrologia Graeca*, 43:393/414, 28:525/530 e 1:646-9.

137. M. Caster, em *Journal of the Royal Asiatic Society*, 1930, págs. 567/99.

138. C. Gordon, em *Christianity Today*, 4(1959), pág. 133.

139. Migne, *Patrologia Graeca*, 2: 1037-1150.

140. M. De Jonge, *The Testament of the Twelve Patriarchs* (Assen, 1953) pág. 117f.

141. M. Philonenko, *Les Interpolations Chrétiennes des Testaments des Douze Patriarches et les Manuscrits de Qumran* (Paris: Presses Universitaires, 1960) págs. 59f.

142. H. H. Rowley, *Relevance of Apocalyptic*, pág. 63, nº 3.

escola dominical

ÚLTIMO TESTEMUNHO DE DAVID WHITMER

A respeito da divina origem do Livro de Mórmon temos o testemunho de três homens além do profeta Joseph Smith, de que um anjo do Senhor mostrou diante de seus olhos as placas de ouro de onde o livro foi traduzido, e de que a voz do Senhor ordenara-lhes desde os céus, que prestassem testemunho do que haviam visto e ouvido. Êsses três homens assim fizeram e seus testemunhos têm aparecido em tôdas as edições do Livro de Mórmon por mais de um século. Durante o período de provações que os santos tiveram que suportar nos primeiros anos da restauração, êsses homens se deixaram ficar no leste dos Estados Unidos enquanto a Igreja se estabelecia no oeste. Entretanto, nenhum dêles jamais negou seu testemunho.

Anos depois, dois dêles retornaram ao seio da Igreja. O terceiro nunca voltou, mas persistiu em seu testemunho da divindade do Livro de Mórmon. Pouco antes de sua morte, um inimigo da Igreja espalhou a notícia de que essa testemunha, David Whitmer, havia negado o que primitivamente testemunhara a respeito do Livro. Em conseqüência disso o sr. Whitmer chamou à sua residência os homens proeminentes de sua comunidade e reiterou o testemunho nas seguintes palavras, que foram estampadas no *Conservator* de 25 de março de 1881 do Condado de Richmond:

"A tôdas as nações, famílias, línguas e povos aos quais as presentes possam chegar:

"Tendo sido afirmado por um tal Jacob Murphy, de Palo, no Condado de Caldwell, no Mississipi que eu, em conversação com êle no último verão teria negado minhas declarações como uma das "três testemunhas" do Livro de Mórmon;

"A fim de que êle possa entender-me agora, se é que não compreendeu então, e para que o mundo possa conhecer a verdade desejo, agora que estou no crepúsculo da vida, e no temor de Deus, fazer a seguinte declaração final:

"Que nunca e em tempo algum neguei o testemunho estampado no livro como o de uma das "três testemunhas," nem em seu todo nem parcialmente. Os que melhor me conhecem sabem que sempre confirmei o que lá se encontra. E para que ninguém possa ser enganado, ou alimente dúvidas a respeito de minha posição atual em relação ao assunto, novamente afirmo a veracidade de tôdas as minhas declarações feitas e publicadas então.

"Os que têm ouvidos para ouvir, ouçam: não houve embuste, o que está escrito, escrito está, e os que lerem que tenham entendimento.

"E se alguém tem dúvidas, não seria melhor ler cuidadosa e honestamente para compreender, antes de ter a pretensão de se assentar em julgamento, condenando a luz que brilha na escuridão e mostra o caminho da vida eterna conforme é indicado pela mão infalível de Deus?

"No espírito de Cristo, que disse, 'Vinde após mim, pois que sou a vida, a luz e o caminho,' submeto esta declaração ao mundo. Deus em quem confio, seja meu juiz quanto à sinceridade de meus propósitos e a fé e esperança que em mim permanecem quanto à vida eterna. Meu desejo sincero é de que o mundo seja beneficiado por esta afirmação clara e simples da Verdade. E tôda a honra seja ao Pai, Filho e Espírito Santo, que são um só Deus. Amém."

(cont. na pág. 10)

JÓIA SACRAMENTAL
para agôsto
Escola Dominical Sênior
3 Nefi 9:18.
Escola Dominical Júnior
3 Nefi 9:21.

RECITAÇÃO EM CONJUNTO
para agôsto
Curso 6: Mateus 7:13.
Curso 9: D&C 130:19-22.

HINOS DE ENSAIO
para agôsto
Escola Dominical Sênior
"Sereno finda o dia," 191.
Escola Dominical Júnior
"Dedicarei minha juventude ao Senhor," 52. (As Crianças Cantam)

GRAVE — LEROY ROBERTSON

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA AGÔSTO

1.ª SEMANA — **FINGIMENTO: O INIMIGO DO ARREPENDIMENTO**

Introdução:

Muitas pessoas vivem fingindo. Tentam corresponder às expectativas dos outros e, quando falham, procuram alcançar seu objetivo fingindo amar, serem justas, leais, fortes. Através dêsse pretexto sentem uma falsa idéia de progresso. Portanto, negam a si mesmas a alegria do verdadeiro crescimento que vem através do arrependimento.

Lição:

1. *O Salvador condena a hipocrisia*

Inicie contando a parábola dos dois filhos (Mateus 21:28-31). O primeiro filho representa um grupo de pessoas que recusam-se a ouvir o evangelho, mas que depois se arrependem e o aceitam. O segundo filho representa os escribas, os sumos-sacerdotes e os fariseus, que fingiam aceitar o evangelho, mas não viviam seus princípios.

Pergunte: Por que o Salvador condenava a hipocrisia? (As respostas deverão incluir a idéia de que, por causa do Salvador nos amar, deseja que sejamos livres da hipocrisia.) Por que o fingimento impede o nosso arrependimento? (Quando fingimos, sentimos um falso confôrto, achando que não devemos nos arrepender.)

Leiam juntos Mateus 23:3, 5, 6, 7,; 6:2; 15:8. Ao fim da leitura de cada versículo, faça a pergunta indicada abaixo:

23:3 — O que o Senhor deseja que evitemos? (Dizer uma coisa e fazer outra.)

23:5 — Idem. (Explicar que "filactérias" eram estreitas tiras de pergaminho, as quais traziam escritas uma passagem das Escrituras, que os judeus colocavam no braço ou na testa. Algumas pessoas faziam-nas bem largas, para que os outros pensassem que eram puras. Os judeus também usavam colocar símbolos na franja dos seus vestidos, para representar o convênio que haviam feito. Na intenção de impressionar os outros, alguns faziam as franjas mais largas do que o necessário. O Salvador deseja que evitemos de fazer o bem sòmente para chamarmos a atenção.)

23:6 — De que o Salvador nos previne? (De freqüentarmos a Igreja sòmente para sermos vistos por outras pessoas.)

23:7 — Idem. (De amar os títulos que nos fazem sentir que estamos acima dos outros.)

6:2 — O que devemos evitar? (Não nos gabarmos de nossas ações para obter a glória dos homens.)

15:8 — Sôbre o que fala esta passagem? (Evitarmos dizer coisas que nada significam, quando oramos.)

2. *Duas portas*

Para tornar mais real a idéia de que não podemos fingir e nos arrepender ao mesmo tempo, desenhe duas portas numa fôlha de papel. Escreva *arrependimento* em uma e *fingimento* na outra.

Deixe claro, entretanto, que brincar ou fingir de bandido e mocinho é correto, mas fingir quando não é brincadeira não está certo.

Devemos escolher em cada dia qual das duas portas abriremos. Se a porta do arrependimento fôr escolhida, haverá progresso e crescimento. Ao contrário, se a porta do fingimento fôr escolhida, o resultado será um falso sentimento de alegria, o qual representará um obstáculo a todos os desejos de progresso e crescimento.

3. *Nossa família não deixará que o fingimento impeça o seu arrependimento*

O fingimento é um hábito que talvez tenhamos arraigado dentro de nós. Um dos primeiros passos a serem tomados para sobrepujarmos êsse vício é reconhecê-lo em nós mesmos.

Como um meio de fazer essa verificação, leia as seguintes situações aos familiares e pergunte-lhes se alguma delas é simulada:

- uma criança diz que a tarefa da escola está feita, quando não está.
- uma criança finge ter limpado o seu quarto, quando na realidade, empurrou a poeira para debaixo da cama e amontoou suas roupas no armário.
- uma criança ou um adulto finge que está doente só para não ter de fazer uma tarefa difícil ou desagradável.
- um adulto finge conhecer certa pessoa famosa, só para fazer com que os outros pensem que é importante.
- uma pessoa finge gostar dos outros, elogiando-os sem sinceridade.

Designação:

Cada familiar deverá observar o seu comportamento durante a semana, evitando fingir. Para que não esqueçam disso, poderão usar uma fôlha de papel com os dias da semana escritos, onde marcarão o seu comportamento; no fim da semana, através dêsse gráfico, saberão qual foi sua conduta e procurarão melhorar.

Nota aos pais:

Algumas vêzes os pais são responsáveis pelo fingimento de seus filhos. Quando os pais exigem demais das crianças, estas sentem-se propícias a fingir, com mêdo de falharem e serem repreendidas.

Os pais devem aceitar os filhos como êles são, fazendo-os aceitarem-se a si mesmos. É claro que os pais precisarão encorajar os filhos, a fim de que progridam e desenvolvam seu potencial. Entretanto, êsses objetivos devem ser razoáveis e bastante relacionados com a idade da criança.

PROGRAMA SUGERIDO

1ª semana

Hino: "Que firme alicerce", nº 49.
Oração:
Jogral: Pela família.
Lição/Objetivo: Ajudar os familiares a escolherem o arrependimento em vez do fingimento, como um meio de progredirmos e sermos o que Jesus deseja que sejamos.
Memorização: Mateus 23:3.
Atividade: Aguar as plantas.
Hino: "Tal como um facho", nº 160.
Oração:
Lanche: Gelatina de limão.

2.ª SEMANA — JULGAR, NÃO PELA APARÊNCIA, MAS PELO CORAÇÃO

Introdução:

Não julgar pela aparência é um princípio difícil de ser vivido. E os jovens têm dificuldade de aprender êste princípio porque são poucas as pessoas idosas que o seguem.

Se seguirmos a Jesus, devemos olhar além da aparência, tentando levar em conta as circunstâncias atenuantes e compreender os sentimentos envolvidos nesse comportamento.

Lição:

1. *Julgamos pelas aparências*

Pergunte: algum de vocês já foi julgado por pessoas que não procuraram saber o motivo do seu comportamento? Por exemplo, alguém o julgou esnobe, quando você era tímido? Alguém a julgou uma dona de casa mal asseada, quando você estava doente? Algum rapaz foi chamado de maricas porque não jogava bola com os outros, quando tinha uma lesão no coração?

2. *O Pai Celestial enxerga além das aparências e vê o que há no coração*

A unção de Davi:

Saul, o primeiro rei de Israel, havia sido bom. Entretanto, o poder e a riqueza transformaram-no. Samuel, o profeta daquela época, foi informado pelo Senhor de que deveria ir a Belém, até a casa de Jessé, onde encontraria o rei que iria tomar o lugar de Saul.

Quando Samuel chegou à casa de Jessé, e viu-se frente a frente com os seus dois filhos, ficou impressionado com a aparência de um dos rapazes, pois era mais forte e simpático do que o outro. Êle tinha "jeito" de rei e Samuel pensou que certamente seria escolhido pelo Senhor.

Pergunte: Por que o profeta estava tão certo de que o Senhor escolheria êsse rapaz? (Sòmente por causa de sua aparência física.)

Contudo, o Senhor fêz saber a Samuel que aquêle não era o escolhido. Um por um, os outros seis filhos de Jessé foram trazidos à presença de Samuel, mas nenhum dêles teve a preferência. Por fim Samuel perguntou a Jessé, "Acabaram-se os teus filhos?" e Jessé disse que ainda faltava um, que estava apascentando as ovelhas. Quando Davi entrava em casa, após haver sido chamado, o Senhor disse a Samuel, "Levanta-te e ergue-o, pois êste é êle."

Pergunte: Por que o Senhor não escolheu os outros filhos de Jessé?

Depois dos familiares responderem, abra a Bíblia e peça a alguém para ler a bela passagem em que o Senhor demonstra o seu método de julgar o valor das almas, em I Sam. 16:7.

3. *Jesus via pelo coração*

Jesus estava familiarizado com as experiências de julgamentos baseados ùnicamente na aparência exterior. Sentia pesar por êsse tipo de julgamento; dêsse modo foi condenado e crucificado. Peça aos familiares para lerem juntos João 7:24.

A seguir conte à família um incidente da vida do Salvador que ilustra bem como êle julgava pelo coração:

O julgamento de Zaqueu

Zaqueu era um homenzinho muito agressivo: tinha a mais detestável ocupação da época: era coletor de impostos do odiado govêrno romano.

Parece que através do trabalho havia coletado mais impostos do que o limite legal e por isso tornara-se rico. Quando soube que Jesus viria àquela cidade, desejou vê-lo. Como era pequeno, saiu de perto da multidão, subiu numa árvore e ficou a esperar Jesus.

Pergunte: Zaqueu era do tipo de pessoa que dispende tempo com alguém ou com um amigo? (Para as pessoas da época, êle era pequeno, detestável e pecador.)

Como Jesus reagiu vendo Zaqueu a olhá-lo do galho da árvore? Peça aos familiares para lerem Lucas 19:5.

Quando Jesus o olhou, não viu apenas o seu tamanho e a sua ocupação. Viu um homem diferente dos demais, com desejo sincero de ser melhor no futuro. Mais tarde, já em casa de Zaqueu, êste disse a Jesus (Leiam Lucas 19:8)

O justo julgamento de Jesus, a maneira pela qual êle observava além da aparência externa são padrões que cada um deve se esforçar por conseguir.

Atividade:

Para ilustrar à família que as coisas nem sempre são da forma que julgamos, convide-os a participarem do seguinte jôgo:

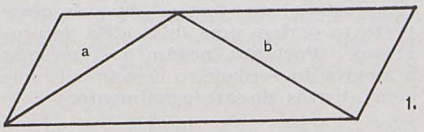
A. Mostre a figura 1 e pergunte: Qual a linha mais comprida, A ou B?

B. O círculo da figura 2 é realmente redondo? Mas como parece ser?

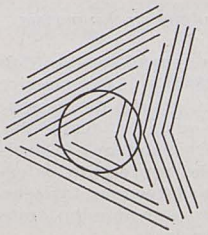
C. O que é maior na figura 3, o chapéu ou sua aba?

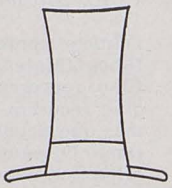
D. Qual dos pilares da figura 4 é o mais alto?

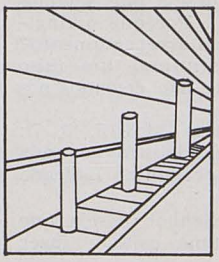
E. Qual dos dois desenhos da figura 5 é maior?

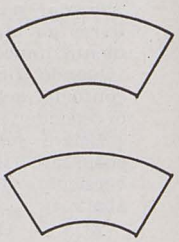


1.


2.


3.


4.


5.

PROGRAMA SUGERIDO

2ª semana

Hino: "A vida é luta sem quartel", nº 153.
Oração:
Canção: Pela mãe.
Lição/Objetivo: Ajudar os familiares a seguirem a admoestação de Jesus, não julgando sòmente pela aparência.
Memorização: João 7:24.
Atividade: Vide lição.
Hino: "Já refulge a glória eterna", nº 30.
Oração:
Lanche: "Romeu e Julieta" (queijo com marmelada).

3.ª SEMANA — PAGAR O MAL COM O BEM

Introdução:

Para se alcançar o objetivo desta lição, precisamos cultivar o amor pelos outros, de uma forma bastante profunda.

Faça elogios aos familiares que se reprimiram quando iam julgar os outros sem saber o motivo. Se algum filho quiser contar a experiência que teve, deixe-o fazê-lo.

Lição:

1. *Jesus pagou o mal com o bem*

Antes de ler a Escritura em Mateus 26:47-50 explique que Judas teve a grande honra de ser escolhido por Jesus para ser um dos seus doze discípulos. Durante três anos Jesus ensinou-o, orou por êle, dirigiu seus passos e o amou.

Pergunte: O que fêz Jesus com relação ao comportamento de Judas? (Sòmente reprovou-o com a demonstração de sua tristeza.)

Quando os outros discípulos viram os soldados levando o Mestre Amado, perguntaram: (Leia Lucas 22:49-51). Retrate Jesus no meio de homens irados, que desejavam tirar sua vida. Apesar disso, pediu que o soltassem por um momento, para curar a orelha de um dêles, a qual Simão Pedro cortara com um golpe de espada, tentando defender o Mestre.

É fácil amar e fazer o bem a quem nos ama, entretanto, o teste real é amarmos a quem nos faz mal. Paulo também nos aconselhou a pagar o mal com o bem; peça a um filho para ler Rom. 12:21

2. *A parábola do filho pródigo nos ajuda a compreender*

Um dos melhores meios da família saber sôbre o amor paterno, será lendo Lucas 15:11-32.

Depois, repita a parábola com suas próprias palavras, salientando o contraste entre a atitude do pai com a do irmão mais velho; demonstre como o pai pagou o mal com o bem, enquanto que o filho mais velho pareceu desejar sòmente pagar o mal com o mal. Pergunte:

Com quem nos assemelhamos: com o pai ou com o filho mais velho dessa parábola?

Por que Jesus contou essa história? (As respostas deverão incluir a idéia de que Jesus deseja que amemos mesmo os que agem injustamente conosco ou com pessoas a quem estimamos.)

Quando amamos como o pai da parábola, perdoamos e esquecemos muitas coisas que os outros fazer para nos magoar.

3. *Necessitamos de coragem e sabedoria para aplicar êsse princípio em nossa vida*

Pergunte: há perigo de sermos enganados quando pagamos o mal com o bem? Dê exemplos. (Seus exemplos deverão incluir uma criança maior magoando outra menor, uma pessoa em posição de destaque menosprezando uma outra sob sua direção, ou situações em que determinadas pessoas tiram vantagem de outras pessoas sem levar em conta a consideração.

Pergunte: aproveitamos do fato de estarmos sendo enganados para nos vingar dos outros? Como podemos evitar isso? As respostas dadas pelos familiares deverão incluir a idéia seguinte:

- não devemos pensar que estão tirando vantagens de nós, nem devemos agir com ira. Ajude os familiares a compreenderem que não devemos aplicar êste método, pois que, com coragem, amor e imaginação, tudo será resolvido. Jesus contìnuamente praticou êsse princípio, apesar de estar preocupado com problemas bem mais graves do que os nossos. Êle espera que façamos o mesmo não apenas no lar, com os familiares, mas com tôdas as pessoas que conhecemos.

4. *Como pagar o mal com o bem*

Conte incidentes que estimulem sua família a pensar nos meios de pagar o mal com o bem; se não lembrar de nenhuma experiência acontecida com a família, conte a seguinte, que apesar de ser uma história simples, dá uma boa idéia do que deve ser feito:

Era o sábado de trabalho de Maurício e êle recolheu as fôlhas que estavam espalhadas no jardim, conforme sua mãe havia pedido. Trabalhou bastante, juntando-as numa grande pilha. Quando estava terminando, Rogério, seu vizinho, apareceu correndo e pulou em cima da pilha de fôlhas, espalhando-as para todos os lados. Nesse preciso instante, Gastão, o irmão mais velho de Maurício, apareceu e disse-lhe: Corra atrás de Rogério e bata nêle."

Maurício obedeceu e começou a correr até alcançar Rogério. Para surprêsa de Gastão, perguntou-lhe qual era o seu dia de trabalho. Quando Rogério respondeu, Maurício propôs: "Se você ajudar-me a juntar essas fôlhas, eu o ajudarei em seu dia de trabalho."

Gastão, vendo isso, perguntou porque Maurício estaria sendo tão bondoso; mas logo compreendeu que o irmão estava tentando cumprir a designação da semana, que era a de pagar o mal com o bem.

5. *Nossa família pagará o mal com o bem*

Todos nós, mesmo sem querer, às vêzes desconsideramos as pessoas. Por isso, precisamos de um estímulo para sobrepujarmos essa falha. Se quiserem, poderão planejar a feitura de gráficos individuais, onde os familiares anotarão o seu comportamento durante a semana e também o seu progresso. Não só as crianças, mas também os adultos precisam desenvolver essa qualidade de pagar o mal com o bem. Sugestão para o gráfico:

Foram injustos comigo quando:

Maria pegou minha boneca e quebrou seu braço.

Carlos brincou com o meu aeromodêlo e tirou sua hélice.

Catarina usou meus brincos novos sem me consultar.

Tentei demonstrar-lhes amor quando:

Brinquei com Maria, ensinando-a como segurar bonecas.

Ensinei Carlos a fazer um aeromodêlo. Isto o faz sentir-se mais velho, melhorando o seu comportamento para comigo.

Sugeri a Catarina que me deixe usar suas coisas quando quiser usar as minhas.

Pedi-lhe, também, que não mexesse nos meus objetos sem permissão.

PROGRAMA SUGERIDO

3ª semana

Hino: "Assombro me causa", nº 62.
Oração:
Pensamento: Por um dos filhos.
Lição/Objetivo: Inspirar os familiares a pagarem o mal com o bem.
Memorização: Romanos 12:21.
Atividade: Jogar ludo.
Hino: "Agora não, mas logo mais", nº 178.
Oração:
Lanche: Sonhos.

4.ª SEMANA — JESUS CRISTO AMA AS CRIANÇAS

Lição:

Para iniciar a lição mostre algumas fotos de seus filhos quando eram pequenos. Isto fará com que se sintam importantes.

1. *Jesus dispensa um sentimento especial para com as crianças*

Não sòmente os pais acham que as crianças são especiais, mas também Jesus.

Peça a um filho para ler Marcos 10:13-16. Os filhos mais adultos também poderão ler Mateus 19:13-15 e Lucas 18:15-17.

Pergunte: Porque as mães traziam seus filhos até Jesus? (Sabiam que Êle as queria bem e as abençoaria.) Por que os discípulos de Jesus repreenderam as mães? (Porque achavam que Jesus estava cansado e talvez ainda não tivessem aprendido a amar e respeitar as crianças como o Mestre.)

Há uma outra história verdadeira que bem ilustra o amor de Jesus pelas crianças. Peça com antecedência a um filho para prepará-la e depois contá-la com sentimento; acha-se em III Nefi 11:1-17.

As histórias da Bíblia e do Livro de Mórmon demonstram que Jesus dispensava atenção especial às crianças.

2. *Características das crianças que são benquistas por Jesus*

Ajude a família a conhecer algumas dessas características: êle não escolhia as crianças por sua inteligência ou talentos. O Salvador ama tôdas as crianças. Os seguintes versículos do Nôvo Testamento mostram as qualidades que o Salvador admira nas crianças: peça aos familiares para descobrir quais são elas; o versículo acha-se em Mateus 18:2-5.

Pergunte: o que significa ser humilde? (Não sentir-se superior às outras pessoas, não achar que sabe mais do que os outros.)

A pessoa humilde gosta de ser ensinada. Se os pais ensinarem seus filhos a seguirem os mandamentos de Jesus, quando ficarem adultos continuarão a fazê-lo. Foi por esta razão que o Senhor ordenou aos pais para que ensinassem suas crianças no lar.

Jesus não deseja que as crianças sejam conduzidas pelas falsas idéias dos homens: disse: (Leia Mateus 18:6).

Pergunte qual a outra razão porque Cristo tem um sentimento especial para com as crianças; antes disso leia D&C 74:7. (Jesus dispensa-lhes um sentimento especial porque são puras e santas. Êle as salvou através de sua expiação. A criança que morrer antes da idade do entendimento entrará no céu porque não tem pecados.) Os adultos e jovens poderão ler Mosía 3:16.

3. *Amamos as crianças como o Salvador?*

Suponha que você e seus irmãos estão brincando juntos, quando um dos seus amigos aparece para brincar com você e diz ao seu irmãozinho: "Vai brincar em outro lugar. Você é muito pequeno para brincar com a gente." O que você faria?

Os seus amigos, se agissem dessa forma não estariam demonstrando amor para com as outras crianças. E nem mesmo você se concordasse com êles.

Pergunte: se Cristo, que é perfeito, ama e respeita as crianças, qual é a nossa obrigação? Sempre há algo a se amar e respeitar em uma criança. O que é?

4. *Sugestão aos pais e adultos*

Com freqüência, os adultos dispensam uma atitude negativa para com as crianças desobedientes ou exigentes. O Salvador agiria dessa forma?

Os adultos devem comprender que uma criança depende dos ensinamentos dêles. Para melhor ilustrar êsse ponto, leia D&C 29:46-48. Depois pergunte: O que significa "para que grandes coisas sejam requeridas de seus pais?" (Que os pais são responsáveis de ensinar os filhos a andarem retamente diante do Senhor.)

Leia D&C 93:39 e pergunte: Como as crianças podem ser desviadas "pela tradição de seus pais"? Você acha que o Senhor dá as mesmas mensagens aos pais de hoje como aos líderes que estavam sendo instruídos no versículo lido? Por que não queria que seus servos estabelecessem o programa Noite Familiar?

Você, como pai, pode demonstrar amor a uma criança por vários modos; por exemplo:

- dispender tempo para ouví-la com interêsse; se não puder ouví-la nesse momento, marque hora para mais tarde.
- não comparar o seu modo de ser com outra criança.
- nunca lhe dizer: "eu sabia que você faria isso. É tão desastrada!"
- compreender que tôdas as crianças têm valôres individuais.
- ensiná-las a tomar suas próprias decisões.

5. *Sugestão às crianças*

Algumas vêzes os irmãos mais velhos tratam os menores como se não tivessem amor por êles. A designação desta semana será a de os filhos demonstrarem amor e respeito para com seus irmãos. Para as crianças que não têm irmãos, a designação será a de tratar bem seus amiguinhos.

Marque o nome de todos os filhos num papel. Depois pegue determinado nome (começando com o das crianças menores) e pergunte à família quais as qualidades dessa pessoa.

Saliente que tôdas têm traços individuais louváveis. Durante a semana, as crianças deverão ver umas nas outras o que Jesus veria nelas.

PROGRAMA SUGERIDO

4ª semana

Hino: "Se a vida é penosa", nº 69.
Oração:
Poesia: Pelo pai.
Lição/Objetivo: Estimular os familiares a amarem e respeitarem as crianças, como Jesus o fêz.
Memorização: D&C 74:7.
Atividade: Ver fotografias da família.
Hino: "Sei que Deus é sabedor", nº 14.
Oração:
Lanche: Paçoca de amendoim com banana nanica.

A branca tôrre do aeroporto projetando-se para o céu entre palmeiras tropicais que identificam a paisagem brasileira de Salvador, na Bahia, é um convite para o vôo. Os campos de pouso variam de lugar para lugar: uns mais elaborados, outros mais singelos, êstes construídos em estilo colonial, aquêles modernos e dotados de extensas paredes de vidro. A variedade é imensa, só um elemento é constante: a tôrre.

Como nos castelos medievais os vigias observavam do alto da tôrre o movimento de suas hostes, atualmente os operadores dos aeroportos acompanham a chegada e partida dos aparelhos como modernos cavaleiros andantes.

A vista de uma tôrre traz-me sempre à lembrança um poema aprendido na adolescência, que falava de uma jovem que, na tôrre de seu castelo fitava a lua refletida no oceano, "e no desvario seu... queria a lua do céu, queria a lua do mar." Concluia o poeta a narrativa das desventuras da jovem Ismália relatando que finalmente um dia, "sua alma subiu ao céu, e seu corpo desceu ao mar."

Hoje parece que as coisas tomaram rumos diferentes. Ninguém mais quer a lua do mar, nem sonha com a lua do céu. Os homens rasgaram decididamente novos caminhos pelo infinito, lançando-se à conquista do espaço.

Voar tem sido um sonho longamente acariciado pela humanidade: vencer as alturas, alçar-se ao oceano sem limites, flutuar acima das nuvens... a lenda grega fala de Ícaro e suas asas ligadas com cêra, tentando alcançar o sol. Sonhos do passado que se vão tornando realidade.

Em qualquer campo de aviação hoje em dia, os enormes pássaros mecânicos, abastecidos, revisados e carregados para o vôo põem seus motores em movimento. Enquanto aquecem-se para a viagem entre explosões, fumaça e forte ventania, os trabalhadores vão dando os últimos retoques no aparelho. Logo o ruído torna-se mais regular, o motor arfa e a hélice, quase invisível pelo efeito da rotação transforma-se num tênue halo transparente ao redor de seu eixo. A aeronave lança-se pela pista em célere corrida e finalmente ergue-se do chão com elegância e graça. Descreve uma ampla curva no céu, buscando o rumo como um pombo-correio que procurasse orientação e finalmente dispara em linha reta para o seu objetivo.

Acima das nuvens alcança o azul límpido, onde flutuam flocos esparsos. Por uma brecha no branco tapête que se estende abaixo, vislumbra-se a terra reduzida a minúsculas dimensões de um brinquedo infantil, com seus montes e vales cortados de rios e estradas de presépio.

Que empolgante sensação de poder deve experimentar o pilôto ao manejar o enorme aparelho pelas campinas do céu, povoadas de rebanhos de nuvens brancas: os "carneirinhos" de nossa infância. Que elevados pensamentos deveriam povoar-lhe a mente lá nas ilimitadas paragens onde navega livre dos problemas da terra! Eis a grande ilusão do ser humano: julgar que vencendo as alturas, alçando-se ao azul infinito, flutuando acima das nuvens, conseguiria alcançar a morada do Eterno, libertando-se das preocupações do quotidiano e partilhando de seus sentimentos. Infelizmente tem sido bem o contrário que se tem observado. Quanto mais alto tem conseguido, mais longe parece o homem ter ficado de seu Deus. O nôvo poder alcançado gera o orgulho e o conhecimento nôvo produz a vaidade.

Em nossos dias a ciência conseguiu colocar homens em órbitas ao redor da terra e marcha agora para a exploração da lua e alguns pioneiros dessa nova fronteira afastaram-se já do nosso planêta o bastante para vislumbrar-lhe a forma e surpreender-lhe os movimentos; mas à medida que se alcançam novas vitórias, sente-se crescer a distância entre o homem e o seu Criador. A tal ponto chega a infantil vaidade do homem, que um dos primeiros astronautas declarou em tom de blague aos jornalistas que o entrevistavam ao descer, que não conseguira encontrar lá em cima o Deus que se dizia viver nas alturas.

Realmente bem pouca relação existe, se é que há alguma, entre as altitudes do ponto de vista material, e a proximidade com Deus. Não há de ser com aeronaves, foguetes e outros engenhos aéreos que o homem alcançará a habitação do Eterno. Quanto mais se afastar da Terra em busca de resposta científica aos seus anseios espirituais, mais mergulhará no materialismo e no desespêro.

"Aquêle que se exaltar, será humilhado, mas o que se humilhar será exaltado", diz a Escritura. Na maioria dos casos, não tem sido nos momentos de vitória, ao atingir as maiores alturas, que o homem se encontra com Deus, porém no vale das sombras, no abismo da humilhação, na angústia da alma atribulada. Jonas teve de descer ao ventre escuro de um peixe para encontrar-se com o Todo-Poderoso de quem fugia em seu orgulho. Nas profundezas do oceano achou o caminho do céu.

A conquista mecânica do espaço é um grande feito da ciência, cujo valor não deve ser diminuído, mas a conquista espiritual do céu e o encontro com o Criador não se realizarão por êsses meios, mas sòmente quando a Êle clararmos em arrependimento e fé. Aquêle que se negar a si mesmo e humilhar-se abaixo de tudo, êsse será exaltado acima das nuvens, até o trono do Altíssimo.

Inverte-se assim a história da jovem Ismália em sua tôrre a cismar. Quando vemos as brancas tôrres dos aeroportos, não podemos fugir à tentação de inverter e corrigir a imagem poética, dizendo da humanidade o contrário do que dizia o poeta sôbre Ismália: seu corpo subiu ao céu, sua alma, porém desceu... não ao mar, mas ao nível das mais baixas atrações terrenas, ao materialismo estéril que afasta o homem da fonte inestinguível de tôda a satisfação espiritual: Deus, o Pai Eterno.

Artigo de Capa

Hélio da Rocha Camargo

22 DEC 1966